coleções
Caros amigos

FASCÍCULO
noite do golpe 1

R$ 7,50

a ditadura militar no Brasil

a história em cima dos fatos

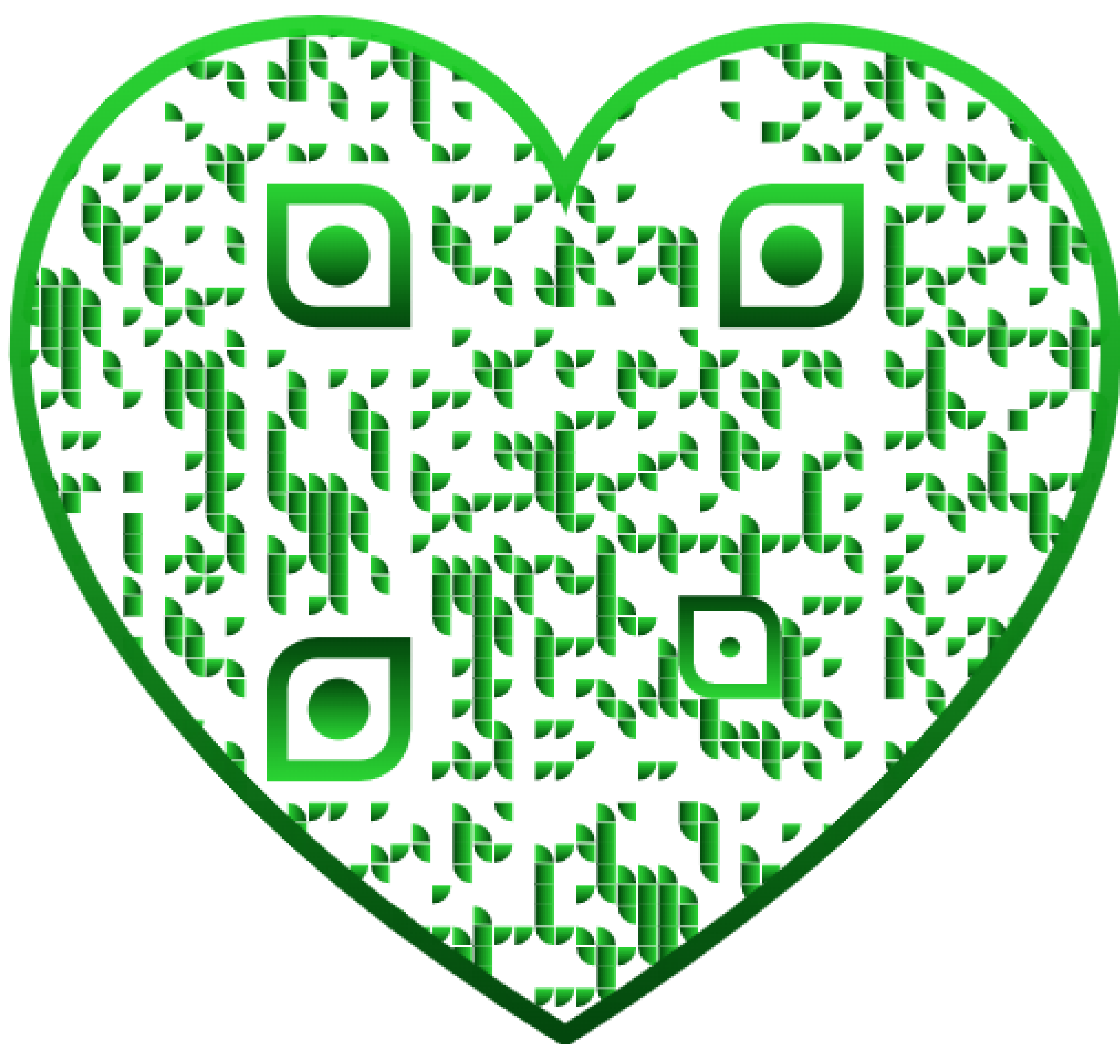
Digitalizado por http://www.compartilhandoecriandoinformacao.blogspot.com/

ISBN 978-85-86821-77-6



caros amigos editora





Um livro-documento

Esta é a segunda coleção de fascículos Caros Amigos. A primeira foi Rebeldes Brasileiros – Homens e Mulheres que Desafiaram o Poder.

A proposta, tanto da primeira quanto desta segunda coleção, é mostrar episódios e personagens da história do Brasil a partir de nosso ponto de vista. Que difere substancialmente do encontrado em trabalhos semelhantes publicados pelas editoras grandes de revistas e jornais, mesmo porque elas defenderam e defendem a elite econômico-financeira que sempre dominou o poder e que não admite qualquer projeto de reforma institucional que possa ameaçar seus privilégios. Como aconteceu no episódio que vamos contar nesta série de fascículos, como aconteceu em episódios anteriores e como pode acontecer cada vez que um governo propuser mudanças estruturais ao país.

No caso, as editoras grandes apoiaram vigorosamente o golpe de Estado que inaugurou o longo período chamado "anos de chumbo", a ditadura militar que durou 21 anos, de 1964 a 1985.

A presente coleção, dividida em doze fascículos que irão para as bancas e livrarias de quinze em quinze dias, descreve em detalhes as diversas fases daquele governo de exceção, a partir da noite de 31 de março de 1964 até a entrega da faixa presidencial a José Sarney, em 15 de março de 1985, após tumultuado processo que culminaria com a volta ao Estado de direito.

O leitor encontra na contracapa desta edição o Plano da Obra, isto é, o tema de cada um dos doze fascículos e a ordem em que serão publicados.

Por último, mas muito importante: juntamente com a edição número 6, será oferecida aos leitores, nas bancas e livrarias, gratuitamente, a capa dura para aqueles que desejarem encadernar os fascículos, formando um livro. Daí a numeração das páginas não recomeçar a cada edição, mas seguir da página 1 até a página 384.

Um volumoso e, modéstia à parte, valioso documento.



1964

AS PRISÕES COMEÇARAM NA NOITE DE 31 DE MARÇO, NOITE QUE DURARIA 21 ANOS

o golpe

Noite de 31 de março

A terça-feira transcorreu sem novidades para a imensa maioria do povo. Nem comunistas nem esquerdistas em geral acreditavam em golpe – eles, os "inimigos internos", principais alvos dos golpistas. Tão despreocupados estavam que, no fim daquele dia e madrugada afora do 1º de abril, seriam surpreendidos em seus lares por policiais civis e militares e cairiam presos sem resistência alguma.

Até nas redações, aonde já chegavam notícias de um general rebelado em Minas Gerais, o grosso dos jornalistas considerava aquilo "uma quartelada" que o "esquema militar de Jango" sufocaria. Assim, no 31 de março de 1964, a quase totalidade dos 80 milhões de brasileiros recolheu-se sem sobressalto. Mas as 24 horas seguintes marcariam suas vidas para sempre.

"OS LIVROS, UM MONTE JOGADO NA RUA, AÍ TOCARAM FOGO"

Max Moura, que se tornaria artista plástico, tinha 14 anos e fazia parte do grêmio, no Instituto de Educação de Florianópolis. Foi para a cama cedo, estudava de manhã. Assistiria a cenas medievais no dia seguinte.

Eu morava no morro do Tico-Tico, atrás da praça XV, e à tarde ouvi que estava havendo um rolo, falavam: "É a revolução!" Desci e vi aqueles cavalos descendo pelas ruas de paralelepípedos. Só fui entender depois por que tanta rolha espalhada pelo chão: era para os cavalos escorregar.

> *"Onde se queimam livros, cedo ou tarde homens serão queimados."*
> HEINRICH HEINE (1797-1856), POETA ALEMÃO

Ao lado da padaria Brasília, havia a casinha onde ficava a livraria do Salim Miguel. Invadiram! Porque tinha livros da Editora Vitória, filosofia, política, sociologia, marxismo. Era só livro voando! Juntou gente, uns ajudando a jogar os livros, outros catando. Fui feliz, peguei dois: Os Doze Trabalhos de Hércules *e* A Chave do Tamanho, *do Monteiro Lobato. E os livros, um monte jogado na rua, aí tocaram fogo. Foi o que me marcou na "revolução".*

"ACABARAM COM A FESTA"

A paraibana Maria Augusta passa a véspera do golpe apreensiva, na capital pernambucana. Aos 46 anos, tem três filhos – o mais velho com 15 anos.

A toque de caixa a sublevação, a queda, o novo governo

Os governistas esperavam o golpe para 1º de maio. Mas uma "fagulha saltada" o precipita. O general Olympio Mourão Filho, comandante da IV Região Militar, com sede em Juiz de Fora, subleva suas tropas na madrugada da antevéspera. Telefona para o deputado de extrema-direita Armando Falcão, "o movimento revolucionário começou". Falcão avisa Castelo Branco, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, que fica boquiaberto e temeroso. Liga para o governador mineiro Magalhães Pinto, que informa: não é mais possível conter o general apressado.

A precipitação podia dever-se a disputa de poder. A 30 de março, o general Carlos Luís Guedes, comandante da IV Infantaria de Belo Horizonte, na iminência de ser afastado, reuniu seus oficiais e organizou uma Força Revolucionária que rumaria para Brasília. Isso teria levado Mourão a antecipar-se.

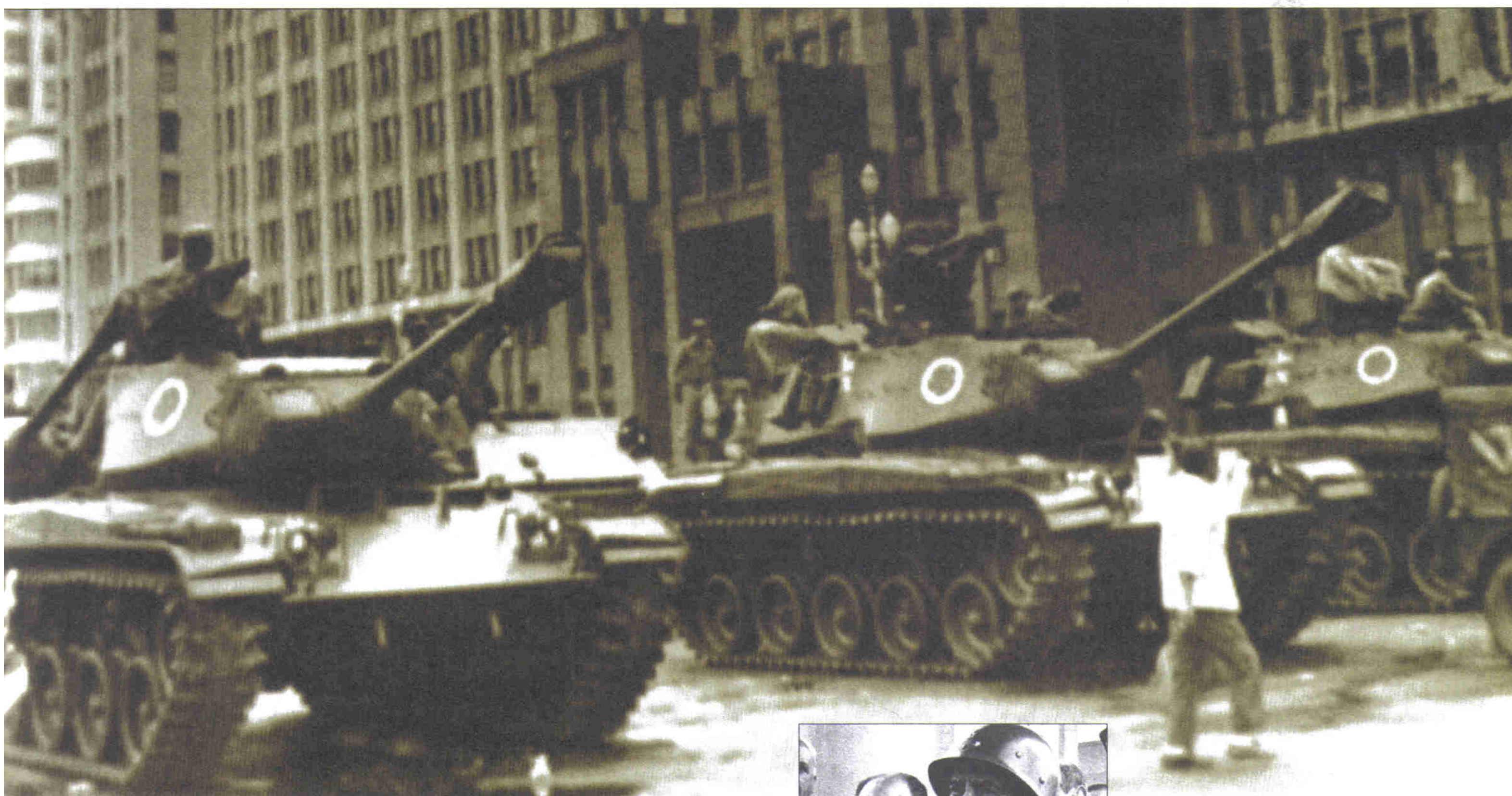
Ao saber do levante, Jango reúne-se com os ministros militares. O comandante do II Exército e compadre de Jango, Amaury Kruel, lhe telefona para exigir, em troca de garantir a legalidade, que abra mão das bases políticas, as "subversivas" UNE (União Nacional dos Estudantes) e CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores). Como Jango não aceitasse, Kruel aderiu ao golpe.

Isolado, Goulart parte do Rio para Brasília. Na madrugada de 2 de abril, vai para Porto Alegre. Ali, conta com o apoio do ex-governador gaúcho Leonel Brizola, seu cunhado. Em vão. O Congresso Nacional declara vago o cargo e põe na presidência da República o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara. A diplomacia norte-americana imediatamente reconhece o "novo governo", com Jango ainda em terras brasileiras. Só a 4 de abril ele segue para o Uruguai e ali se asila.





FEROCIDADE NO RECIFE. Poucas cidades registraram violências como a capital pernambucana – civis agredidos, como nas fotos, e até mortos em passeata. O líder camponês Gregório Bezerra (na página ao lado, preso), septuagenário, levou coronhadas e lhe queimaram os pés com soda. O coronel Vilocq amarrou-o com cordas e obrigou soldados a puxá-lo pelas ruas, enquanto o xingava e





Tanques na avenida Presidente Vargas, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1964. À esquerda, Mourão Filho.



espancava com uma vareta de ferro, chamando o povo para ver "o enforcamento do comunista". Religiosos, horrorizados, ligaram para o general Justino Alves Bastos, que impediu o suplício final.

A vaca fardada

O general que sublevou suas tropas precocemente em Minas Gerais, na passagem de 30 para 31 de março de 1964, era capitão em 1937, ligado ao integralismo, versão verde-amarela do fascismo. Foi **Olympio Mourão Filho** quem, naquele ano de 1937, bateu a máquina, numa sala do Estado-Maior do Exército, o Plano Cohen, que forjava uma conspiração comunista, a fim de dar a Getúlio motivo para o golpe que implantou o Estado Novo. O falso plano era a "prova" de que os comunistas seguiam ativos, mesmo esmagada a Intentona Comunista de 1935, quando oficiais ligados ao Partido Comunista atacaram colegas em vários quartéis e tentaram um golpe contra Getúlio. O Plano Cohen procurava, enfim, mostrar que continuava de pé o perigo vermelho, "a que era necessário vencer pela liquidação das últimas e aparentes formas de democracia subsistentes", como expôs Nelson Werneck Sodré em A História Militar do Brasil. Getúlio, então, cercou o Congresso e baixou uma Constituição que lhe deu plenos poderes, dando início à ditadura Vargas propriamente dita.

Agora, em 1964, vencedor de um golpe, Mourão Filho mostra-se despeitado. Ousou sair na frente, e acabou preterido na composição do governo militar. Detestava Castelo Branco, preferia Costa e Silva. Quando jornalistas lhe perguntaram se estava de acordo com a cassação de Juscelino Kubitschek, respondeu:

"Em política, sou uma vaca fardada."

"Quando um presidente da República apela para os inferiores das Forças Armadas é porque já perdeu os generais."

MARIA AUGUSTA CAPISTRANO, VIÚVA DO DESAPARECIDO POLÍTICO DAVID CAPISTRANO

Apareceram "uns indivíduos dizendo-se jornalistas", querendo "entrevistar" o marido dela, o comunista David Capistrano, hoje na lista dos desaparecidos políticos, que trabalhava com o governador Miguel Arraes. Maria Augusta choraria duas mortes.

No dia 31, o David chegou, ainda não acreditava no golpe. No dia seguinte foi para o palácio. O pessoal ainda estava com aquela ilusão de resistência pacífica, organizando passeatas, mas a polícia já estava atirando e matando. Mataram dois estudantes colegas de meus filhos, um deles amigo íntimo. Foi um choque.

Consegui apanhar um ônibus que passava em frente do palácio. Estava lá o Exército para depor o Arraes. Havia tanques. O ônibus apinhado de gente, aquele silêncio, você só via lágrimas escorrendo pelo rosto das pessoas. Pernambuco todo tinha consciência de que havia uma mudança de comportamento do governo. A gente estava vivendo um momento maravilhoso, valorizando a cultura popular. Eles se incomodaram e acabaram com a festa.

Em casa, apanhei quatro sacolas e fomos para a casa de uma amiga. David ficou com Arraes até o fim, depois se refugiou na propriedade de um amigo.

"IMPOSSÍVEL ATIRAR NA MULTIDÃO E NÃO PEGAR NINGUÉM"

Aos 20 anos, o futuro fotógrafo **Leonardo de Azeredo Carneiro** servia o Exército como motorista do general Lima Câmara, do Superior Tribunal Militar, situado no centro do Rio. O golpe o "politizou". Entraria para partidos clandestinos, acabaria preso e torturado. Mas naquela terça, dia de folga, o "alienado" Leonardo nem desconfiava do medo que sofreria no dia seguinte, ao passar fardado pela Cinelândia.

Estava tudo parado. Tumulto. Liguei para o ajudante-de-ordens, ele disse: "Volta pra casa!" Ouvi estampidos, pá, pá, pá! Vi uns caras atirando da sacada do Clube Militar. Atiravam porque o pessoal queria invadir.

*Vi o estouro da boiada. Saí correndo, "meu Deus, eu fardado no meio do povo que está tentando invadir a sede dos militares". Na Nilo Peçanha, entrei no jipe de um casal e me levaram embora. Foi a sorte. Morreu gente, é impossível atirar numa multidão e não pegar ninguém. Fomos pelo Aterro e em Botafogo vimos o **prédio da UNE** pegando fogo.*

"ARREBENTARAM O PIANO DELE!"

Em São Paulo, o jovem pintor paulistano **Wesley Duke Lee** recebe telegrama do Rio, enviado pelo amigo Sérgio Mendes (músico que se tornaria ídolo



Jango recebe a União Nacional dos Estudantes, UNE, em janeiro de 1964. Serra, então presidente da UNE, é o primeiro à esquerda de Jango. Dois meses depois, estão os dois no exílio.





O golpe segundo Nelson Werneck Sodré...

"... ao contrário do que, honesta e sinceramente, acreditaram muitos dos que dele participaram, ativa ou passivamente, correspondeu para as Forças Armadas não ao restabelecimento da disciplina e da hierarquia, mas, ao contrário, ao agravamento de sua subversão."

Em *A História Militar do Brasil*

A sede da UNE, União Nacional dos Estudantes, no Rio, foi depredada e incendiada já no 1º de abril.

SERRA ERA O PRESIDENTE DA UNE

"Foi a pior noite da minha vida"

Quem estava lá conta da estupefação ao ver a cena. Na praia de Botafogo, de longe se via a fumaça, relembra Aloísio Teixeira, 43 anos depois reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ:

"Mas ninguém acreditou que era a sede da UNE sendo incendiada", diz em entrevista para o sítio da União Nacional dos Estudantes na Internet. "Talvez o incêndio tenha sido o ato mais simbólico da consolidação do golpe." Depredaram a sede da UNE antes de atear fogo. Seu presidente era José Serra, eleito governador de São Paulo em 2006. Ele não esquece a passagem de 31 de março para 1º de abril.

"Foi a pior noite da minha vida. Tem sido sempre doloroso falar sobre aqueles momentos. Pelo rádio, soube da invasão e do incêndio. Já estávamos sendo procurados", disse Serra ao sítio da UNE na Internet.

Ele se escondeu com colegas na casa do deputado Tenório Cavalcanti, em Caxias, Baixada Fluminense. A UNE já vinha sendo alvo de ataques desde o começo do ano:

"No Congresso em que fui eleito, em Santo André, paramilitares metralharam o estádio e soltaram bombas de gás lacrimogêneo no plenário. No Instituto Mackenzie, em São Paulo, atiraram ácido no ministro da Educação, Paulo de Tarso. O prédio da UNE sofria metralhamentos periódicos nos primeiros meses de 1964", conta Serra.

Em novembro, a Lei Suplicy de Lacerda substitui a UNE por um diretório nacional subordinado ao Ministério da Educação. A UNE cai na clandestinidade. Serra já está exilado no Chile.

internacional). Sérgio anunciava o nascimento de seu primeiro filho. Dizia algo como:

"Rodrigo chegou. Por enquanto só quer fralda seca e teta molhada."

Militares interceptaram o telegrama, prenderam os dois e interrogaram exaustivamente: que mensagem subversiva cifrada era aquela? Wesley jamais se conformaria com o tratamento dispensado ao amigo no momento da prisão, quando os militares buscavam por armas e panfletos:

"Arrebentaram o piano dele! Não bastava levantar a tampa pra ver se tinha panfleto lá dentro. Não! Ar-re-ben-ta-ram o pi-a-no!"

"FILHO DA PUTA, COMUNISTA!"

Em Londrina, norte do Paraná, o jornalista Délio Cezar, chefe da sucursal da *Última Hora*, ao saber da movimentação de tropas em Minas, sai para "comemorar" com amigos, "vai ser um passeio, vamos massacrar os golpistas". No dia seguinte, acordará chorando. E desempregado: o jornal, empastelado e depredado em São Paulo e no Rio, cancelaria sucursais e acabaria desaparecendo.

A sucursal ficava na "boca maldita", predinho de três andares, ainda existe. Cheguei à janela, e um rapaz que eu conhecia e que havia participado de um protesto contra o Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas, gritou, meio brincando comigo: "Nós vamos quebrar isso aí, hem!" E eu: "Você e quem mais?" Alguém berrou: "Eu!" E imediatamente, berros de "seus comunistas!" Bateu uma pedrinha inofensiva na janela; e outra, mais outra.

Liguei para o delegado. Dali a pouco freia uma camionete com uns oito soldados, desce o cabo Montanha:

"Quem é que jogou pedra no jornal aí?"

O tempo fechou, juntou uma multidão, toca rojões pra cima. Tinha a turma que queria ver sangue, como os dirigentes da Associação Rural: subiram na marquise e quebraram o luminoso da Última Hora. *Aumentou o foguetório, uma confusão. Passei no meio do povo: "Filho da puta, comunista!", eu encarava o sujeito e não acontecia nada.*

No dia seguinte, a Marcha da Vitória com Deus pela Liberdade comemorou "a vitória da redentora revolução democrática que derrotou o comunismo".

"O TERROR TINHA CHEGADO A IRARÁ"

Tom Zé, aos 28 anos, morava com amigos ligados ao Partido Comunista Brasileiro, na avenida do Contorno, em Salvador. Longe ainda de se tornar um dos maiores artistas brasileiros, era diretor musical do CPC, Centro Popular de Cultura, da UNE, União Nacional dos Estudantes. Na noite de


Mazzili: Regime Não Corre Perigo

JANGO AOS SARGENTOS: NÃO RECUO NA LUTA REFORMISTA

Última Hora

roubaram os meus milhões

Adhemar: "Quem Tiver Armas Que me Mande!"

TRAGEDIA CAMPONESA NO KM-287

Bomba Contra Clinica Infantil

"mané" voltou tinindo

APELO AO CONGRESSO: VOTEM AGORA REFORMAS RECLAMADAS POR 40 MILHÕES DE INJUSTIÇADOS

A ditadura matou *Última Hora*: era um jornal popular.

Um jornalismo que nunca mais ressurgiu

Por volta de 1961, ***Última Hora*** tirava 350.000 exemplares, em dez edições diárias simultâneas que cobriam seis Estados: Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Era a Rede Nacional do jornal comandado por Samuel Wainer, um feito inédito. Wainer modernizou o jornalismo diário, criou a cobertura de equipes, valorizou a dupla repórter-fotógrafo, inaugurou a diagramação e contratou colunistas da estatura de Paulo Francis, Stanislaw Ponte Preta, Ivan Lessa, entre outros.

Nascida sob as bênçãos do governo Vargas em 1951, durante o governo Goulart *Última Hora* permaneceu fiel à tradição trabalhista. Foi o único jornal a apoiar Goulart mesmo após a Revolta dos Marinheiros, em março de 1964, quando toda a imprensa passou a fazer oposição cerrada ao governo. E o apoiou até o dia do golpe militar.

O Instituto Brasileiro de Ação Democrática, Ibad, moveu intensa campanha para que grandes empresas boicotassem a publicidade no jornal. Com o golpe, manifestantes depredaram a *Última Hora* e Wainer teve os direitos políticos cassados. Exilou-se na Europa, onde permaneceria até 1967. Vendeu seu jornal para o Grupo Folhas, de São Paulo, que algum tempo depois o fechou. E nunca mais o Brasil teve um jornal diário com posições de esquerda e postado claramente ao lado dos interesses populares.



SAMUEL WAINER, QUINZE ANOS DEPOIS: *LACERDA DESTRUIU MEU JORNAL, MAS EM COMPENSAÇÃO CONTRIBUÍ PARA QUE ELE JAMAIS FOSSE PRESIDENTE.*

"Por ordem minha, não começa uma guerra civil no Brasil."

JOÃO GOULART, AO NEGAR A OFICIAIS DA AERONÁUTICA, FIÉIS A ELE, A AUTORIZAÇÃO QUE PEDIAM PARA BOMBARDEAR AS TROPAS DE MOURÃO FILHO, QUE AVANÇAVAM DE MINAS PARA O RIO



Patas de cavalo se viam por toda grande cidade naqueles dias de abril.



Moura Andrade, presidente do Senado, declara ilegalmente vago o cargo de presidente da República, apaga as luzes da Casa e sai de lanterna na mão.

31 de março, vai dormir sossegado, mesmo vendo que os colegas não apareceram, "não tinha noção da gravidade". Entenderá tudo no dia seguinte, quando o zelador perguntar:

"Você continua vindo aqui?!"

Primeiro de abril de 1964. Havia um cabeleireiro vizinho do CPC. Fui lá. Era no fundo da Faculdade de Direito. Um barracão. O caminhão do Exército encostou. Enquanto fazia o cabelo e o caminhão derrubava o CPC e carregava o material, as pessoas chegavam como que dizendo: que desastre horroroso! Fiquei paralisado. Mas ninguém disse nada de mim ao pessoal do Exército. Eu teria entrado em cana.

As ruas cheias de soldados, canhões, coisa maluca. Todos os amigos desapareceram. Resolvi ir pra Irará, passar uns dias, já que não podia nada. E aconteceu uma coisa curiosíssima: assim que cheguei, encontrei um amigo, de bicicleta; falou comigo sem tirar os dedos do guidão! Pensei: será que estou louco? Não achei que estava sendo observado, mas foi o primeiro sinal que tive do terror que se instalaria dali pra frente.

Meu pai fez um escândalo, era um homem comum. (Do lado da minha mãe, todo o mundo era comunista.) Adivinhou que eu estava ali fugido. Eu era do CPC e isso era um crime terrível. Só que eu não tinha consciência do crime.

No outro dia a cidade estava em polvorosa, "a polícia de Alagoinhas está chegando". E chegou prendendo logo o tio Elísio, um lado reacionário da família, era da UDN [União Democrática Nacional]: um funcionário do Correio não gostava dele. Ficou o dia todo preso dentro de uma camionete. Negócio absurdo. O terror tinha chegado também a Irará.

"A PRIMEIRA COISA QUE GOLPEIAM É A CULTURA"

A atriz Lélia Abramo, morta em 2004 aos 93 anos, ensaiava *Vereda da Salvação*, do dramaturgo paulista Jorge Andrade, no Teatro Ruth Escobar, São Paulo. O diretor Antunes Filho, avisado sobre rumores de golpe, dispensou os atores na tarde daquela terça-feira.

"Nessa hora pensei, o Antunes pensou, muita gente pensou que era um golpe que seria superado", lembraria Lélia trinta anos depois. Mas os artistas sofreriam conseqüências já no dia seguinte.

*Meu irmão Cláudio, que era diretor de redação d'*O Estado de S. Paulo*, pessoa de confiança dos Mesquita, donos do jornal, soube que estavam tramando. E se demitiu quando compreendeu que os Mesquita estavam envolvidos.*

Nós sofremos o reflexo. O Teatro de Arena estava passando a peça do Guarnieri, O Filho do Cão*. Os*

Manchetes de abril

SÓ HÁ UMA COISA A DIZER A GOULART: SAIA!
Correio da Manhã (Rio), dia 1º

ADHEMAR: 6 ESTADOS SUBLEVAM-SE PARA DERRUBAR GOULART
Folha de S. Paulo, dia 1º

DEMOCRATAS DOMINAM TODA A NAÇÃO
O Estado de S. Paulo, dia 2

LACERDA ANUNCIA VOLTA DO PAÍS À DEMOCRACIA
Correio da Manhã, dia 2

MULTIDÕES EM JÚBILO NA PRAÇA DA LIBERDADE
O Estado de Minas, dia 2

PILAR CIVIL 1

O homem da caixinha

Governador paulista e um dos três pilares civis do golpe junto com Carlos Lacerda (Guanabara) e Magalhães Pinto (Minas Gerais), **Adhemar de Barros** incentivava, ele próprio, a difusão do bordão "Rouba, mas faz", criado por seus eleitores. Encomendou uma marcha carnavalesca, *Caixinha do Adhemar*, para usar nas campanhas:

Quem não conhece?
Quem nunca ouviu falar
Na famosa caixinha do Adhemar?
Que deu livros, deu remédios, deu estradas,
Caixinha abençoada.

A caixinha tornou-se um cofre, que, depois da morte de Adhemar em março de 1969, passou para as mãos de sua amante, Ana Benchimol Capriglione. Guerrilheiros o furtaram, abriram e depararam com a maior fortuna em que um grupo sedicioso já pôs as mãos: 2 milhões e 600.000 dólares. Mas isso é história para o fascículo 5.

PILAR CIVIL 2

O corvo conspirador

Carlos Lacerda era o primeiro governador da Guanabara, Estado criado em 1960 com a mudança da capital federal do Rio para Brasília. A Guanabara compreendia, assim, o território do município do Rio de Janeiro (em 1975, o governo militar fundiria a Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro). Lacerda tinha conspirado contra Getúlio, JK e Jânio; agora, conspirava contra Jango. Era o agourento corvo. Aspirava à presidência da República, nas eleições que os militares prometiam assegurar tão logo "fizessem a limpeza" e "devolvessem" o país aos civis.

Na Guanabara, realizou obras monumentais, financiadas a dólar, como o Aterro do Flamengo. As forças conservadoras queriam preparar um presidente agradável a Washington. Mas deixou herança "social" pouco recomendável: tirou favelados da região central carioca e os alojou em "pombais" longínquos – a Cidade de Deus. E sua polícia apreendeu mendigos e os afogou no rio da Guarda.



Lacerda (ao centro, de terno) comemora o golpe que o cassaria também.



Adhemar, o "Rouba-mas-faz", acabaria ele próprio cassado.



Magalhães Pinto deixaria um rombo de 10 bilhões de reais.

PILAR CIVIL 3

O banqueiro que quebrou

O terceiro pilar civil do golpe de 1964, o banqueiro **Magalhães Pinto**, governava Minas Gerais. Mesmo apoiado numa ditadura militar que ajudou a instalar-se, seu Banco Nacional quebraria em 1986. E sobreviveria por dez anos graças a fraudes e maquiagens contábeis. Foi à lona de vez em 1996, deixando um rombo de 10 bilhões de reais, coberto com dinheiro público do Proer, Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Sistema Financeiro Nacional.



atores deviam ter informações de que o negócio era feio. E desapareceram. Muitos fomos chamados à polícia. A situação ficou trágica: prisão, morte, e invadiam teatros.

Um ano depois já tinham sido censuradas 27 peças e faziam cortes terríveis. Os professores, intelectuais, atores e jornalistas foram os primeiros a sofrer. Porque as ditaduras, a primeira coisa que golpeiam é a cultura.

"NÃO TEVE TORTURA FÍSICA, TEVE PSICOLÓGICA"

O escritor Salim Miguel, aos 40 anos, era assessor de imprensa do governador catarinense Celso Ramos e trabalhou normalmente no dia 31, apesar de sentir que "já havia a ameaça". Na manhã seguinte, tomava cafezinho no centro de Florianópolis quando policiais o detiveram e levaram ao 5º Distrito Naval, onde ficaria preso por 48 dias.

Tive uma livraria. Em 1959, vendemos: o sócio achou que, mais que pra ter retorno, eu comprava livros que me interessavam. Embora se chamasse Anita Garibaldi, continuou conhecida como "livraria do Salim". O infeliz proprietário viu a porta ser arrombada, os livros jogados entre a Conselheiro Mafra e a praça XV: fizeram uma fogueira, pessoas lideradas por um professor da Universidade, Nereu do Vale Pereira. Soube por um novo preso que chegou. Amigos me informaram que foi um pavor. Fizeram a fogueira, foram amontoando, amontoando, até não sobrar nem um livro.

Fiz um diário dos sessenta detentos. Não teve tortura física, teve psicológica. Uma madrugada, fui colocado num jipe com dois soldados. Perto da ponte, um virou-se para o outro:

"Qual seria o impacto de um corpo jogado daqui no mar?"

O outro disse:

"Só jogando."

"O QUE VI DEPOIS ME REVOLTOU"

O golpe pegou o paraense Lúcio Flávio Pinto aos 14 anos. Nascido em Santarém, às margens do rio Tapajós, a família havia mudado para a capital, Belém. O pai, comerciante, militava no PTB, Partido Trabalhista Brasileiro, então getulista. Tinha levado ao Rio três semanas antes, para o histórico Comício das Reformas, o filho mais interessado em política, Lúcio Flávio, futuro jornalista.

No dia 31 papai ficou em casa, sintonizando o rádio, eu ao lado. Fomos dormir tarde. Ele acordou cedo e saiu. Voltou com a má notícia. Mas, como a esmagadora maioria dos políticos, achava que

Um mestre no ofício de torturar chega ao Brasil

Daniel Mitrioni tinha chefiado a polícia de Richmond, Indiana, EUA. Recebeu treinamento do FBI, Federal Bureau of Investigation. Chega ao Brasil no início dos anos 1960, convocado por Vernon Walters, adido militar da embaixada americana, a pedido do governador Magalhães Pinto, para treinar a PM de Minas. Magalhães Pinto, também banqueiro, financiou do próprio bolso o treinamento.

Especialista em técnicas de tortura, Mitrioni encerra sua missão no Brasil em 1964 e ruma para o Uruguai. Em 31 de julho de 1970, seria capturado pelo grupo guerrilheiro uruguaio Tupamaros, que exige a libertação de presos políticos para soltá-lo. O governo não atende e Mitrioni é morto. O torturador é tema do filme *Estado de Sítio*, de Costa-Gavras, e foi nome de rua em Belo Horizonte até 1983, quando a Câmara Municipal cassou a honraria. E o novo nome homenageia justamente uma vítima da tortura que Mitrioni veio ensinar: José Carlos da Matta Machado, militante da Ação Popular.



Confiscaram a bandeira do Japão, pensando que fosse da China comunista.

Truculência e besteirol

NA INVASÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, MILITARES CONFISCARAM COMO INDÍCIOS DE SUBVERSÃO COMUNISTA: *O VERMELHO E O NEGRO*, ROMANCE DO ESCRITOR FRANCÊS STENDHAL (1783-1842); A REVISTA DE ARQUITETURA *COMUNITAS*; E, MAIOR PROVA DE COMUNIZAÇÃO APRESENTADA À IMPRENSA, UMA BANDEIRA DA CHINA QUE ENCONTRARAM HASTEADA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO – SÓ QUE ERA DO JAPÃO, EM HOMENAGEM A CRIANÇAS JAPONESAS QUE ALI EXPUNHAM GRAVURAS.



O romance de Stendhal tem "vermelho" e "negro" no título: só podia ser subversivo.



A Universidade de Brasília sofreu cinco invasões, em 1964, 1968 (acima), mais três em 1977.

A escola superior mais atingida

Em 9 de abril de 1964, dia do primeiro Ato Institucional, o *campus* da Universidade de Brasília, UnB, sofreu a primeira invasão – haveria outra nas vésperas do AI-5, em 1968, mais três em 1977. Na primeira, prenderam inúmeros estudantes e catorze professores.

"Chegaram em catorze ônibus, acompanhados de três ambulâncias. Pareciam estar tomando uma fortaleza", escreveu o físico Roberto Salmeron em *Universidade Interrompida: Brasília 1964-1965.*

Material "subversivo" apreendido na UnB, segundo o *Correio Braziliense*: panfletos de propaganda russa, cubana e chinesa; obras "que louvavam" Lênin, Stálin, Fidel e Mao; um livro de Lênin, outro de Trótski. Bibliotecas ficaram interditadas.

Os militares demitem um dos fundadores e primeiro reitor, Anísio Teixeira; nomeiam interventor o professor de veterinária Zeferino Vaz, que se orgulhava de ter participado do golpe. Pressionado, renuncia e, em seu lugar, assume Laerte Ramos de Carvalho. Roberto Salmeron, falando para *Caros Amigos* em 2004, relembra que, na primeira reunião com o corpo docente, Laerte deixa claro:

"Vim aqui para servir ao governo."

Pedem demissão 223 professores e dezesseis coordenadores – 79% do corpo docente. A UnB entra em crise. Inovadora, vira alvo predileto dos militares. Seu *campus* previa a integração dos alunos, diferente das universidades que constituem aglomerados de faculdades. Incentivava a pesquisa, estruturava a carreira do professor e adotava regime de tempo integral e exclusividade.

Na invasão de agosto de 1968, PM, Polícia Civil, DOPS e Polícia do Exército ocuparam o *campus* e fecharam o único acesso. Alunos e parlamentares ficaram detidos. O aluno Waldemar Alves, baleado na cabeça, passou meses no hospital. O líder estudantil **Honestino Guimarães** foi preso e se tornou mais um desaparecido.

os militares iam organizar o país, devolvendo-o aos civis. Ele estaria pronto para retomar sua carreira: foi deputado e participou da Comissão de Planejamento da SPVEA (antecessora da Sudam, Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), um feito para quem não foi além da 3ª série do primário. Passaria do PTB para o MDB e se elegeria prefeito de Santarém. Aos 14 anos, o golpe não me parecia uma ameaça tão violentamente perene. Mas o que vi depois me revoltou.*

Comecei a fazer um programa de rádio, Gente Jovem, *nas noites de domingo. Num dos domingos, ao chegar em casa, papai ralhou comigo. Foi chamado à 8ª Região Militar e advertido de que seu filho fazia um programa subversivo. E o pior: meu pai o estava patrocinando, através de uma de suas empresas, a Cerâmica Marajó. A "subversão" estava na seção em que comentava letras de música, principalmente de protesto. O patrocínio foi cancelado e o programa acabou.*

"À NOITE COMEÇARAM AS PRISÕES"

A cearense Rita Sipahy, recém-formada advogada, no dia do golpe estava casada fazia um ano, vivia no Recife e tinha um filho pequeno. O marido trabalhava na Sudene, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Tempos depois de acabar a ditadura, ao lembrar-se daqueles dias Rita ainda entrava em paranóia.

No dia 1º de abril toca a campainha muito cedo. Eram dois companheiros da Ação Popular (mas não posso dizer isso, porque no meu inquérito policial não apareceu que fui da AP. Então não posso declarar... nossa, acho que posso, sim! Veja como a cabeça é ainda!).

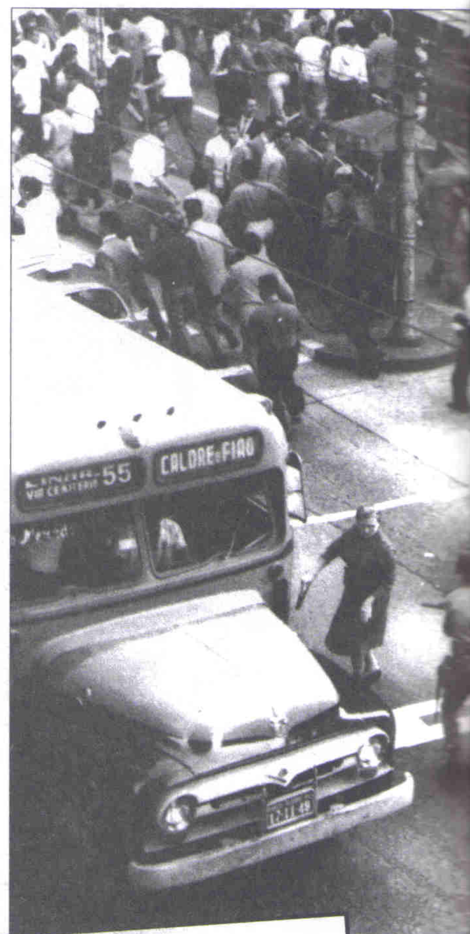
A campainha tocou. Traziam um telegrama: "Prepare nosso pessoal. Organize esquema segurança regional. Severo." Na véspera o pessoal tinha passado esse telegrama para todo o Brasil, mas foi apreendido no IV Exército no Recife. Foi enviado na expectativa de que íamos ser vitoriosos. Uma loucura! Ligamos o rádio e ouvimos a nota dos militares dizendo que tinham o comando da situação. Era uma nota dantesca que se repetia, se repetia, se repetia.

Meu marido foi para a Sudene e eu, para Coelhos, onde funcionava o MEB, Movimentos Eclesiais de Base. Era o caos em todo lugar. A palavra de ordem era "todos para a Sudene, defender o Palácio Princesa Isabel, o Arraes".

Saímos para o palácio, umas duzentas pessoas. Enquanto isso, tropas cercaram o palácio. Voltamos ao MEB. Meu marido Ari chegou com o Arraes, mais outras pessoas, dizendo:

"Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos."

O GLOBO, 2 DE ABRIL





PRIMEIRA PÁGINA — 1925-1985

Nova luta em Chipre

FOLHA DE S. PAULO
Um jornal a serviço do Brasil

ANO XLV

URSS dá automoveis

SÃO PAULO PAROU ONTEM PARA DEFENDER O REGIME

Nossa opinião

O povo mesmo, não um ajuntamento suspeito e longamente preparado, reuniu-se ontem, espontaneamente, nas ruas desta cidade, para exprimir seu sentimento e sua vontade. Foi uma dura lição para aqueles que necessitam de demorada propaganda, manipulação de cúpulas e tremendos dispositivos de força para concentrar massas humanas. E não se diga que a "Marcha da Família" reuniu defensores de "estruturas arcaicas". Ao contrário, os manifestantes de ontem reconhecem a necessidade de reformas, mas sabem que elas podem e devem ser feitas dentro da ordem e da lei. ("Povo, apenas povo" — Pág. 4)

Povo, pela Constituição

Frente Popular tem programa e diz o que quer

Johnson pede 6 trilhões para ajuda PAG. 2

Depredada a "Ultima Hora" de Curitiba PAG. 11

Vai haver pronto-socorro nas rodovias PAG. 11

Estudantes "enterram" hoje Ademar PAG. 13

Bomba em onibus fere dois PAG. 16

Irmão do SS Bormann está em Santos PAG. 13

Paulistas, pentacampeões de basquete

Por que o advogado de Ruby perdeu

Fogo deixa "Difusora" sem noticias

Um dia no mundo

Condenados Placido e Delelis

Politica de hoje

Assuntos diversos

A manchete da *Folha* transforma golpistas em defensores do regime.





Porto Alegre, 1º de abril. Baionetas caladas avançam contra o povo na avenida Borges de Medeiros.

Os grandes jornais comemoraram

Apenas a *Última Hora* destoava do coro geral da imprensa grande. No dia 30 de março de 1964, quando o general Mourão Filho se preparava para sublevar suas tropas em Minas e dar início ao golpe contra o regime democrático, o jornal popular dava nome aos bois: "golpistas".

Os outros grandes jornais, país afora, iam na linha da *Folha de S. Paulo*, que inverteu os sinais e disse que a Marcha da Família com Deus pela Liberdade parou São Paulo "para defender o regime", quando seus organizadores se preparavam justamente para golpeá-lo. E, uma vez vitorioso o golpe, enquanto manifestantes de direita depredavam oficinas da *Última Hora*, os jornalões não continham a euforia e se derramavam em bajulação aos militares. É impressionante como transformavam a ilegalidade em legalidade. Alguns exemplos:

"Feliz a nação que pode contar com corporações militares de tão altos índices cívicos."

O Estado de Minas, dia 5

"A Revolução democrática antecedeu em um mês a revolução comunista."

O Globo, dia 5

"Pontes de Miranda diz que Forças Armadas violaram a Constituição para poder salvá-la!"

Jornal do Brasil, dia 6

"Desde ontem se instalou no país a verdadeira legalidade. Legalidade que o caudilho não quis preservar (...) A legalidade está conosco e não com o caudilho aliado dos comunistas."

Jornal do Brasil, dia 1º

Bíblia subversiva

O GOLPE SAI VENCEDOR. AUTORIDADES ORGANIZAM EM PORTO ALEGRE UMA EXPOSIÇÃO COM MATERIAL DITO SUBVERSIVO, APREENDIDO EM CASAS DE ESQUERDISTAS E MILITANTES EM GERAL. LÁ ESTÁ UM LIVRO, BEM ANTIGO, E AO LADO A LEGENDA: "LIVRO SUBVERSIVO EM CHINÊS". ERA UMA **BÍBLIA**, EM HEBRAICO.

Lacerda chuta cachorro morto

"Escorraçado, amordaçado e acovardado deixou o poder como imperativo da legítima vontade popular o sr. João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreiristas-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou (...). Temos o direito de dizer tudo isso do sr. João Goulart (...). Mesmo porque não pode haver generosidade nem contemplação com canalhas. E Jango, Jurema, Assis Brasil, Arraes, Dagoberto, Darcy Ribeiro, Waldir Pires e toda a quadrilha que assaltou o poder não passam de canalhas. E além de canalhas, covardes. E além de covardes, cínicos. E além de cínicos, pusilânimes. E além de pusilânimes, desonestos. Bravatearam, fingiram-se machões, disseram que fariam isto e aquilo, mas aos primeiros tiros saíram correndo espavoridos e ainda estão correndo até agora."

Tribuna da Imprensa, 2 de abril de 1964

LACERDA, SOBRE JANGO E SEUS ASSESSORES: *NÃO PODE HAVER GENEROSIDADE NEM CONTEMPLAÇÃO COM CANALHAS.*

"Olha, essa Kombi está cheia de armas, vamos jogar no rio", e foram.

Se tivessem reagido, talvez a situação hoje fosse outra. À noite, começaram as prisões.

"ELA RAPIDAMENTE SE DISFARÇOU DE DOMÉSTICA"

O futuro jornalista mineiro Mário Drumond tinha 14 anos, morava em Belo Horizonte. Havia veraneado em Guarapari, litoral capixaba, onde conheceu e namorou "uma moreninha linda". Era filha de João Pinheiro Neto, ministro do Trabalho de Jango, e morava no Rio. Um mês depois, o adolescente iria protagonizar um feito heróico para sua idade.

No dia 1º de abril, cedinho, tocou o telefone, era a moreninha, falando do Rio. Aflitíssima, dizia que o pai estava num palácio, cercado de tanques de guerra. Pedia para eu avisar sua amiga Sandrinha, filha de um deputado que vivia desancando militares. Era para ela voltar ao Rio de ônibus e ficar na casa da avó. E contavam comigo.

Peguei o chevrolezão do meu pai, a essa hora ocupado, conspirando para o golpe dar certo. As ruas estavam cheias de militares, mas ninguém notou aquele carrão dirigido por uma criança sentada sobre dois travesseiros para alcançar o pára-brisa. Na Sandrinha, os dois telefones da casa não paravam de tocar. Ela rapidamente se disfarçou de doméstica e na rodoviária embarcou no primeiro Cometa.

De volta a minha casa tentei um interurbano para o Rio, falar da missão cumprida, mas não consegui, e nunca mais soube daquelas pessoas.

UMA REAÇÃO À ASCENSÃO DO MOVIMENTO POPULAR

Podemos situar o ponto de partida do ímpeto golpista em 3 de outubro de 1950, tão logo a abertura das urnas mostrou que seria esmagadora a vitória de Getúlio Vargas – sagrado presidente com os votos de 3 milhões e 849.000 eleitores, quase metade do total de 8 milhões e 254.000. Éramos 50 milhões de brasileiros e, de cada dez, sete viviam no campo. Neste país mais rural que urbano, as camadas médias da população e os trabalhadores decidiam repor Vargas no Palácio do Catete – "voltarei nos braços do povo", havia dito ele, depois que os militares o depuseram em 1945. Tinha governado o país por quinze anos, após tomar o poder à frente da Revolução de 1930.

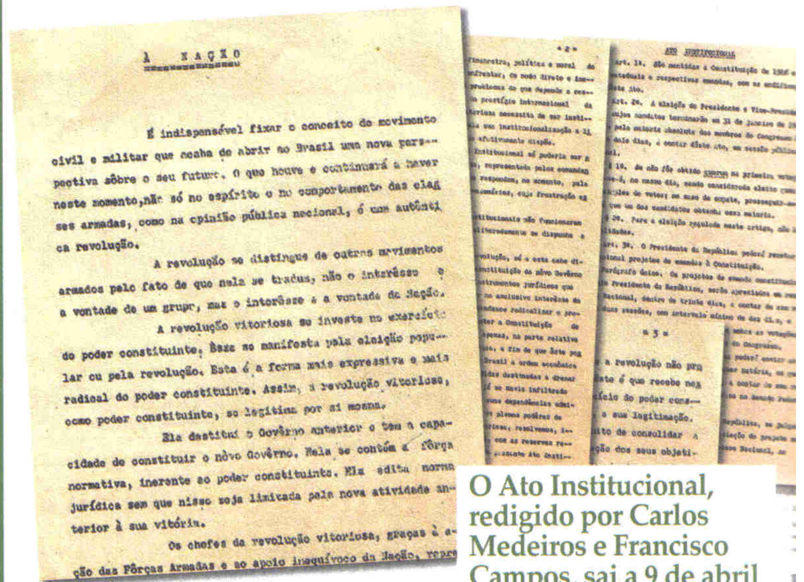
As forças do atraso não suportavam a idéia de Getúlio Vargas voltar a dominar o cenário político. Dispunham-se a usar de violência, "específica do atraso, que não tem outras saídas", como anotou o historiador Nelson Werneck Sodré, em *A História Militar do Brasil*. De fato, durante a campanha eleitoral, o jornalista e político de direita Carlos Lacerda havia escrito em seu jornal, *Tribuna da*



Na caricatura de Théo, o jurista Francisco Campos, redator do preâmbulo do Ato Institucional (AI-1).

"A revolução vitoriosa, como um poder constituinte, se legitima a si mesma."

FRASE DO PREÂMBULO DO PRIMEIRO ATO INSTITUCIONAL



À NAÇÃO

É indispensável fixar o conceito do movimento
civil e militar que acaba de abrir no Brasil uma nova pers-
pectiva sôbre o seu futuro. O que houve e continuará a haver
neste momento, não só no espírito e no comportamento das clas
ses armadas, como na opinião pública nacional, é uma autênti
ca revolução.

A revolução se distingue de outros movimentos
armados pelo fato de que nela se traduz, não o interêsse e
a vontade de um grupo, mas o interêsse e a vontade da Nação.

A revolução vitoriosa se investe no exercício
do poder constituinte. Este se manifesta pela eleição popu-
lar ou pela revolução. Esta é a forma mais expressiva e mais
radical do poder constituinte. Assim, a revolução vitoriosa,
como poder constituinte, se legitima por si mesma.

Ela destitui o Govêrno anterior e tem a capa-
cidade de constituir o nôvo Govêrno. Nela se contém a fôrça
normativa, inerente ao poder constituinte. Ela edita norma
jurídica sem que nisso seja limitada pela nova atividade an-
terior à sua vitória.

Os chefes da revolução vitoriosa, graças à a-
ção das Fôrças Armadas e ao apoio inequívoco da Nação, repre

O Ato Institucional, redigido por Carlos Medeiros e Francisco Campos, sai a 9 de abril sob o título À Nação.

O golpe se autoproclama uma "revolução"

Ao contrário da noite de 31 de março, quando os militares não sabiam bem aonde iriam chegar, dias depois o próprio movimento se autoproclamará, consolidando e clareando as idéias dos golpistas a respeito do que deveriam fazer. Descobriam que, tomado o poder, não havia mais necessidade de devolvê-lo aos civis. Era hora de agir.

Agora, as Forças Armadas precisavam de dispositivos legais para permanecer no poder, dar a entender ao povo que aquilo não havia sido um golpe, nem quartelada, mas obedecia a protocolos. Claro que a imprensa grande direitista contribuiu para a sensação de que os militares estavam "salvando a Nação", e não impondo um governo sem amparo legal, muito menos antidemocrático.

Sai então a 9 de abril, oito dias após a vitória do golpe, o Ato Institucional (apenas o primeiro de muitos que viriam). O Ato constituía, a um só tempo, a manobra e o dispositivo legal perfeitos. Não só encobria desmandos, como dava aos militares os poderes de que necessitavam no momento.



LEGITIMADA PELAS ARMAS

Juristas dão força à força

O arcabouço do Ato Institucional quem forneceu foram os juristas **Carlos Medeiros** e **Francisco Campos**, o Chico Campos ou Chico Ciência. Ele já havia redigido a Carta Constitucional de 1937, que dava plenos poderes a Getúlio. Carta que permitiu a instauração da ditadura Vargas, o chamado Estado Novo.

O preâmbulo do Ato Institucional, redigido por Campos, fala da importância das Forças Armadas no poder. A intenção era transmitir segurança aos civis, deixando claro (ou disfarçando) que a intenção era "restabelecer a ordem".

Juridicamente correto, os criadores do Ato deram ao recém-criado dispositivo militar a arma contra toda e qualquer democracia.



PRIMEIROS CASSADOS. A lista de brasileiros com direitos políticos cassados, divulgada em 10 de abril de 1964, trazia nos primeiros lugares os nomes do presidente deposto, João Goulart, do ex-governador gaúcho Leonel Brizola, do líder comunista Luiz Carlos Prestes e do governador de Pernambuco deposto, **Miguel Arraes** (na foto, levado preso por um oficial do Exército).

O AI-1 instaura a ditadura

O Ato Institucional nº 1, só conhecido assim após a divulgação do segundo Ato em 27 de outubro de 1965, mantinha a Constituição de 1946, mas suspendia os direitos constitucionais pelo período de seis meses, além de dar ao presidente da República o direito de cassar mandatos e suspender direitos políticos por dez anos.

Com onze artigos, o AI-1 determinava também que as eleições seriam indiretas, ou seja, os governantes não seriam mais eleitos pelo povo, e sim pela maioria absoluta do Congresso Nacional.

É bom lembrar que o Congresso se comporia apenas de pessoas favoráveis ou indiferentes à ditadura que se instalava, já que os congressistas contrários aos desmandos militares seriam cassados no dia seguinte ao Ato Institucional.

Aos 10 de abril, sai a primeira lista de cassados. Contém os nomes de cem brasileiros, entre eles o ex-presidente deposto e o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, **Luiz Carlos Prestes**. Há políticos, jornalistas e gente ligada a Jango.

O AI-1 limitava os poderes do Legislativo e do Judiciário. Dava ao presidente poderes para começar a instaurar os 21 negros anos em que a história política do Brasil mergulharia.



ESQUERDAS DESATINADAS. O líder comunista Luiz Carlos Prestes deu o tom do desatino em que as esquerdas entraram. Primeiro disse "já estamos no governo, falta chegar ao poder". Depois, chamou Jango de "porta-bandeira da revolução brasileira" e às vésperas do 31 de março ameaçou: "Não há condições para o golpe reacionário e, se os golpistas tentarem, terão suas cabeças cortadas."

Imprensa, que se deveria, caso Getúlio fosse eleito, "recorrer à revolução para impedi-lo de governar".

A campanha das forças conservadoras e reacionárias leva Getúlio ao gesto extremo, que a tudo e a todos paralisou. O tiro no próprio coração como que detonou um contragolpe. Mas já no ano seguinte, 1955, os "conspiradores crônicos" voltam a exasperar-se, agora com a vitória da chapa JK-Jango. Tentam impedir-lhes a posse alegando que não alcançaram maioria absoluta – Juscelino obteve 33% dos votos contra três adversários: o populista Adhemar de Barros, ex-governador de São Paulo e ex-interventor no governo paulista, nomeado por Vargas em 1938; o general Juarez Távora, de posições progressistas na mocidade e agora postado à direita (no ano anterior, 1954, exigiu a renúncia de Getúlio); e Plínio Salgado, líder do integralismo, a versão nacional do fascismo.

O ministro da Guerra, o general legalista Teixeira Lott, garante a posse dos eleitos. Mas oficiais da Aeronáutica ligados aos conspiradores se rebelam por duas vezes contra o governo JK: em 1956, tomam por vinte dias o aeroporto de Jacareacanga, na Amazônia; em 1959, seqüestram um avião e o desviam para Aragarças, no Brasil central. São contidos e, nas duas vezes, anistiados.

A escalada rumo ao golpe havia retornado, às claras ou na surdina. Incansável. Início de 1961. Ainda faltam três semanas para Jânio e Jango tomar posse como presidente e vice, sucedendo ao governo JK, e o general Mourão Filho, servindo em terras gaúchas, já trama para derrubá-los. Iria vangloriar-se ao dar entrevista a uma rádio carioca, em 2 de abril de 1964:

"No dia 8 de janeiro de 1961, eu comecei a trabalhar na organização deste movimento, em Santa Maria, no comando da Terceira Divisão de Infantaria, onde estive dezessete meses, depois no comando da II Região Militar, onde estive cinco meses, e finalmente no comando da IV Região Militar, onde estou há seis meses."

Novamente impulsionada após a renúncia de Jânio em agosto de 1961, a escalada golpista marcha num crescendo a partir do começo de 1964. É a reação ao avanço do movimento popular, que clama por reformas de base e que a direita jamais consegue barrar pela força do voto. Vai, por isso, apelar para a força das armas – e com as costas quentes, pois conta com o apoio do governo norte-americano de Lyndon Johnson.

"NA GUANABARA, ESTAMOS PRONTOS A RESISTIR A BALA"

A reta final não vai durar mais que duas semanas e meia, em março. Na sexta-feira 13, ao lado da

ESCALADA AMERICANA

Dinheiro aprovado para Goulart

Logo no início de seu governo, em 1961, o presidente John Kennedy sofria pressões do Congresso, dominado por republicanos, e da classe empresarial – com interesses ameaçados ou atingidos pelas nacionalizações de empresas norte-americanas no Brasil.

Caso exemplar ocorreu no Rio Grande do Sul em fevereiro de 1962, quando o governador Leonel Brizola encampou uma subsidiária da International Telephone and Telegraph. O presidente da IT&T enviou telegrama à Casa Branca, pedindo providências e traçando paralelos entre o que chamou de "tomada irresponsável" das propriedades estrangeiras no Brasil e o nascente



ia para os adversários

processo revolucionário de Fidel Castro.

Kennedy, tudo indica, preferiu acreditar na ação diplomática, na eficácia da propaganda e no poder dos dólares. E destacou um novo embaixador para o Brasil, o *scholar* Lincoln Gordon, professor da Universidade de Harvard. Gordon faria pressão contínua contra a "política externa independente" de Goulart. Durante as audiências no Planalto, insistia contra a presença de esquerdistas e comunistas em postos-chave e sempre ouvia como resposta as sérias restrições de Goulart à participação dos EUA na desestabilização de governos latino-americanos.

Outro personagem importante se incorporaria à embaixada: o adido militar, coronel Vernon Walters, intérprete do comando norte-americano junto aos oficiais brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Vernon estimulou a hipótese da ingerência direta de Washington no golpe contra Goulart; a propósito, **Gordon** e **Walters** se tornariam dirigentes da Agência Central de Inteligência, CIA.

Sucederam-se restrições econômico-financeiras. Empréstimos aprovados antes da posse de Goulart só foram liberados parcialmente – de uma ajuda de 338 milhões de dólares aprovada em 1961, só 40 milhões foram entregues.

A hostilidade empresarial aumentou em setembro de 1962, quando o Congresso brasileiro aprovou a Lei de Remessa de Lucros, que Goulart sancionaria em janeiro de 1964. A nova lei restringia a remessa de lucros para o exterior a 10% do capital registrado.

CHEGA UM PESO-PESADO: O ADIDO MILITAR VERNON WALTERS, AMIGO DE CASTELO BRANCO DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

A aproximação das eleições brasileiras, em outubro de 1962, elevou a participação norte-americana em nossos assuntos internos. O Instituto Brasileiro de Ação Democrática, Ibad, despejou milhões de dólares nos bolsos dos conservadores. Segundo Philip Agee, ex-agente da CIA, os fundos estrangeiros regaram as campanhas de oito candidatos aos governos dos onze Estados onde houve eleições, quinze candidatos ao Senado, 250 candidatos à Câmara e mais de quinhentos candidatos às Assembléias Legislativas.

O resultado não compensou. A bancada "da esquerda" aumentou. E a enxurrada de dólares originou Comissão Parlamentar de Inquérito. Descobriu-se que o dinheiro entrava pelo Royal Bank of Canada, Bank of Boston e First National City Bank; e que empresas como Shell, ▶

JANGO VAI AOS EUA. Desde o início de seu governo, em 1961, Kennedy sofria pressões do Congresso e da classe empresarial, que se sentiam ameaçados pelas nacionalizações de empresas norte-americanas no Brasil. No ano seguinte, 1962, Jango foi aos Estados Unidos encontrar-se com Kennedy, de quem se dizia admirador.

mulher, Maria Teresa, Jango faz no Rio o Comício das Reformas, diante do Ministério da Guerra, e, para irritação dos golpistas, garantido por soldados do Exército, "ato verdadeiramente subversivo", anotou Werneck Sodré no já citado *A História Militar do Brasil*.

Maior irritação causa ainda à direita ver no palanque dois inimigos que não toleram, o governador de Pernambuco Miguel Arraes e o ex-governador gaúcho Leonel Brizola, políticos nacionalistas e progressistas que atacam o "reacionarismo do Congresso". Goulart diz, sob intensa ovação, que o povo brasileiro "jamais atingirá seus objetivos, sem que se realizem no Brasil as reformas de base reclamadas por toda a nação".

Em entrevista ao rádio, o líder comunista Luiz Carlos Prestes afirma que os 200.000 brasileiros presentes no comício foram à rua "perguntar ao presidente da República se está disposto a colocar-se à frente do processo democrático e revolucionário da classe trabalhadora". Enquanto, pela televisão, Carlos Lacerda retruca que Jango obedece aos comunistas:

"Servindo-se do rebotalho da nação, dos derrotistas, dos oportunistas e dos simplesmente traidores, os comunistas estão tomando conta do Brasil."

Aos 200.000 do "comício das reformas", os golpistas respondem menos de uma semana depois com os 300.000 da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, nas ruas de São Paulo. No dia seguinte, 20 de março, enquanto o general Castelo Branco, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, distribui manifesto clandestino acusando o governo de querer "submeter a nação ao comunismo de Moscou", milhares de marinheiros desencadeiam atos de rebeldia contra a prisão de dirigentes de sua associação.

No dia 30, véspera da sublevação militar em Minas liderada pelo general Olympio Mourão Filho, Jango ainda comparece a um ato de sargentos do Exército no Automóvel Clube carioca. Está perdido. O ato se transforma em nova provocação contra a hierarquia militar. À noite, em cadeia de rádio e televisão, Lacerda joga as primeiras pás de terra sobre o governo Goulart:

"Na Guanabara, estamos prontos a resistir a bala a qualquer tentativa de nos esmagar para sufocar no seu ódio a paz e a liberdade do Brasil. É chegada, brasileiros, a hora de lutar para defender a sua paz e a sua liberdade. É preciso que haja quem se disponha a arriscar a vida para salvar a de um povo inteiro ameaçado. Chega de provocações! Chega de traição! Chega de ameaças! Chega de demagogia! Chega de desonra e desonestidade!"

▶ Coca-Cola, IBM e Texaco colaboraram.

Os planos para derrubar Goulart ganharam velocidade. Vernon Walters falava com os militares. Lincoln Gordon estabelecia linha direta entre, de um lado, as agências financeiras e o governo dos Estados Unidos e, de outro lado, os governos estaduais de oposição. Gordon considerava como "ilhas de sanidade administrativa" as atuações de governadores como Carlos Lacerda (Guanabara) e Adhemar de Barros (São Paulo). O dinheiro negado a Goulart chegava aos cofres de seus adversários.

O assassinato de Kennedy em 1963 e a ascensão do vice Lyndon Johnson empurraram a diplomacia norte-americana para um velho estilo, mais truculento, em relação à América Latina. A política do novo secretário-assistente para Negócios Interamericanos, Thomas Mann, a Doutrina Mann, foi expressa num artigo do *New York Times* no início de março de 1964:

"Os Estados Unidos não mais procurariam punir as juntas militares por derrubarem regimes democráticos."

Em trágica seqüência, os governos eleitos democraticamente foram caindo e dando lugar a ditaduras militares de extrema-direita.

WASHINGTON RECONHECEU O NOVO "GOVERNO" MAL MAZZILLI TOMOU POSSE NA PRESIDÊNCIA; E A IMPRENSA AMERICANA APROVOU O GOLPE.



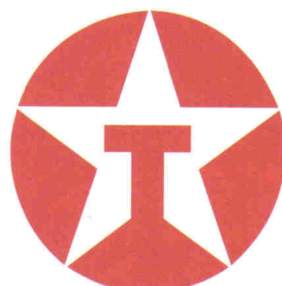
O embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon (à dir.), fez pressão contínua contra a "política externa independente" de Goulart (à esq.).











JORROU DINHEIRO. Bancos como Royal Bank of Canada, Bank of Boston, First National City Bank, e empresas como Shell, Coca-Cola, IBM e Texaco colaboraram para financiar as campanhas eleitorais de inimigos de João Goulart.



Capa de um exemplar da década de 1950 da revista *Reader's Digest*. Aqui intitulada *Seleções*, servia na época aos interesses do Departamento de Estado americano e saudou o golpe militar vitorioso no Brasil.

"UM GOLPE SEM SANGUE QUE SALVOU O PAÍS"

Como a imprensa americana noticiou os acontecimentos no Brasil

As autoridades norte-americanas tiveram êxito no "gerenciamento das notícias", afirma o pesquisador W. Michael Weis (1997). Em geral, o público recebeu um retrato distorcido da crise. Diz Weis que apenas o *New York Times* e o *Washington Post* apresentaram as posições dos dois lados, embora mais declarações dos militares do que de membros do governo Goulart.

A imprensa americana deu apoio quase unânime ao reconhecimento **"na velocidade da luz"** que o governo Lyndon Johnson concedeu ao novo governo militar e à agenda anticomunista dos líderes golpistas. As reportagens praticamente ignoraram as prisões em massa; e classificaram a mudança de governo como "golpe sem sangue" que evitou uma guerra civil.

Emblemático foi o artigo da revista *Reader's Digest* (*Seleções*): traçava um retrato extremamente negativo dos anos Goulart, carregado da retórica anticomunista que marcou a Guerra Fria e com extensos elogios aos militares. Título do artigo: "O país que se salvou". Um anúncio de página inteira informava aos leitores "como usar este artigo". Dizia:

"O país que se salvou contém informação útil e vital para qualquer nação ameaçada pela subversão comunista. A mensagem é essa: com determinação e planejamento inteligente, uma cidadania rebelada pode se livrar da mais profunda ameaça comunista. Se você quiser ajudar a espalhar essa importante mensagem, aqui está o que você pode fazer" – e os leitores eram encorajados a mandar esse texto pelo correio a amigos no exterior ou que vivessem "em áreas sensíveis de novos países em desenvolvimento ou em países mais antigos que enfrentam a ameaça comunista". Os interessados podiam obter cópias (cinco por $ 35 *cents*, cinqüenta por U$ 3 e cem por U$ 5) para mandar "a parentes ou amigos que trabalham no estrangeiro, tais como integrantes do Peace Corps, professores, médicos, missionários etc.". *Seleções* também sugeria a quem viajasse que levasse cópias do artigo.

> *"Cidadania rebelada pode se livrar da ameaça comunista."*
>
> TRECHO DE ARTIGO DA REVISTA *SELEÇÕES*

O golpe militar corre a galope e, até nas redações, mesmo ouvindo o tropel, poucos acreditam que virá. Os próprios jornalistas ignoram que já se encontra a caminho de águas brasileiras uma esquadra enviada pelos Estados Unidos – a Operação Brother Sam (Irmão Sam), com homens, armas e mantimentos que garantirão o sucesso do golpe, caso haja resistência.

"NO MELHOR LUGAR, NOS PIORES DIAS"

O deputado federal paulista **Ranieri Mazzilli** foi uma figura curiosa. Constitucionalmente, como hoje, em caso de ausência do presidente da República e do vice, por viagem ou outro impedimento, o presidente da Câmara assume o governo. Durante as turbulências do período que vai do suicídio de Getúlio em 1954 à deposição de seu herdeiro político João Goulart dez anos depois, Mazzilli somou seis anos no cargo de presidente da Câmara. E ocupou a presidência da República várias vezes, ora por ausência do presidente e do vice, ora em momentos de crise.

No dia 2 de abril de 1964, tão logo Jango deixa Brasília, eis Mazzilli de novo prestes a assumir o cargo de presidente-tampão.

O presidente do Senado, o latifundiário paulista Auro Moura Andrade, protagoniza a última cena do golpe de Estado. Abre sessão extraordinária às 11 horas da noite. Goulart se encontra em território nacional, no Rio Grande do Sul, conforme acaba de informar o primeiro-secretário do Senado. Mas Auro diz ao microfone:

"Comunico ao Congresso Nacional que o senhor João Goulart deixou, por força dos notórios acontecimentos de que a nação é conhecedora, o governo da República."

Soam vaias, assovios, protestos, "é mentira!, é mentira!", e Auro prossegue, interrompido a todo instante:

"Há sobre a mesa um ofício ("isso não vai ficar assim, não!", grita alguém)... há sobre a mesa um ofício do senhor Darcy Ribeiro... (berros)... há sobre a mesa um ofício do senhor Darcy Ribeiro que vai ser lido pelo senhor primeiro-secretário."

Explodem mais gritos, a campainha soa, balbúrdia. Nesse clima, Auro declara a vacância do cargo de presidente da República. Declara mais: que a presidência cabe a Mazzilli. Encerra a sessão e manda apagar as luzes. Deixa o Senado como quem foge. O deputado paulista Rogê Ferreira, do Partido Socialista Brasileiro, alcança-o no corredor e lhe aplica alguns bofetões.

A seguir, situação bem incômoda mesmo enfrenta Ranieri Mazzilli. É o presidente de direito, ainda



Maria Teresa Goulart na capa de *O Cruzeiro* de 21 de março de 1964. O título diz "Maria Teresa vai à praia". Duas semanas depois, ela vai para o exílio no Uruguai, junto com o marido.

DONA MARIA TERESA

"Assim o Brasil vai pra trás"

JOÃO GOULART ERA CASADO COM MULHER BELA E BEM MAIS NOVA, MARIA TERESA, QUE VIROU PERSONAGEM DO HUMORISTA CHICO ANYSIO NA TEVÊ.

ENQUANTO O MARIDO GOSTAVA DE SOLTAR O NÓ DA GRAVATA E SE ABRAÇAR AO POVO, NO ESTILO GAÚCHO, ELA VIVIA NAS COLUNAS SOCIAIS. JUCA CHAVES, O MENESTREL MALDITO, EM 1963 HOMENAGEOU A PRIMEIRA-DAMA COM UMA SÁTIRA EM QUE CANTAVA:

DONA MARIA TERESA
ASSIM O BRASIL VAI PRA TRÁS.
QUEM DEVE FALAR, FALA POUCO,
LACERDA JÁ FALA DEMAIS.
ENQUANTO O FEIJÃO DÁ SUMIÇO
E O DÓLAR SE PERDE DE VISTA
O GLOBO DIZ QUE TUDO ISSO
É CULPA DE COMUNISTA.

DONA MARIA TERESA
DIGA A SEU JANGO POR QUE
O POVO VÊ QUASE TUDO
SÓ O PARLAMENTO NÃO VÊ.
DONA MARIA TERESA
DIGA A SEU JANGO GOULART
LUGAR DE FEIJÃO É NA MESA
LACERDA É NOUTRO LUGAR.

PRISÃO FLUTUANTE

No melhor calabouço, temperatura acima de 50 graus

Já tinha servido de cadeia, na rebelião comunista em 1935 e na revolta dos sargentos em 1963. Com 5.909 toneladas e mais de 60 anos, o navio *Raul Soares*, inativo no cais da ilha de Mocanguê, no Rio, é rebocado até o estuário de Santos, porto paulista. Ali, um mês depois do golpe de 1964, volta a receber presos políticos.

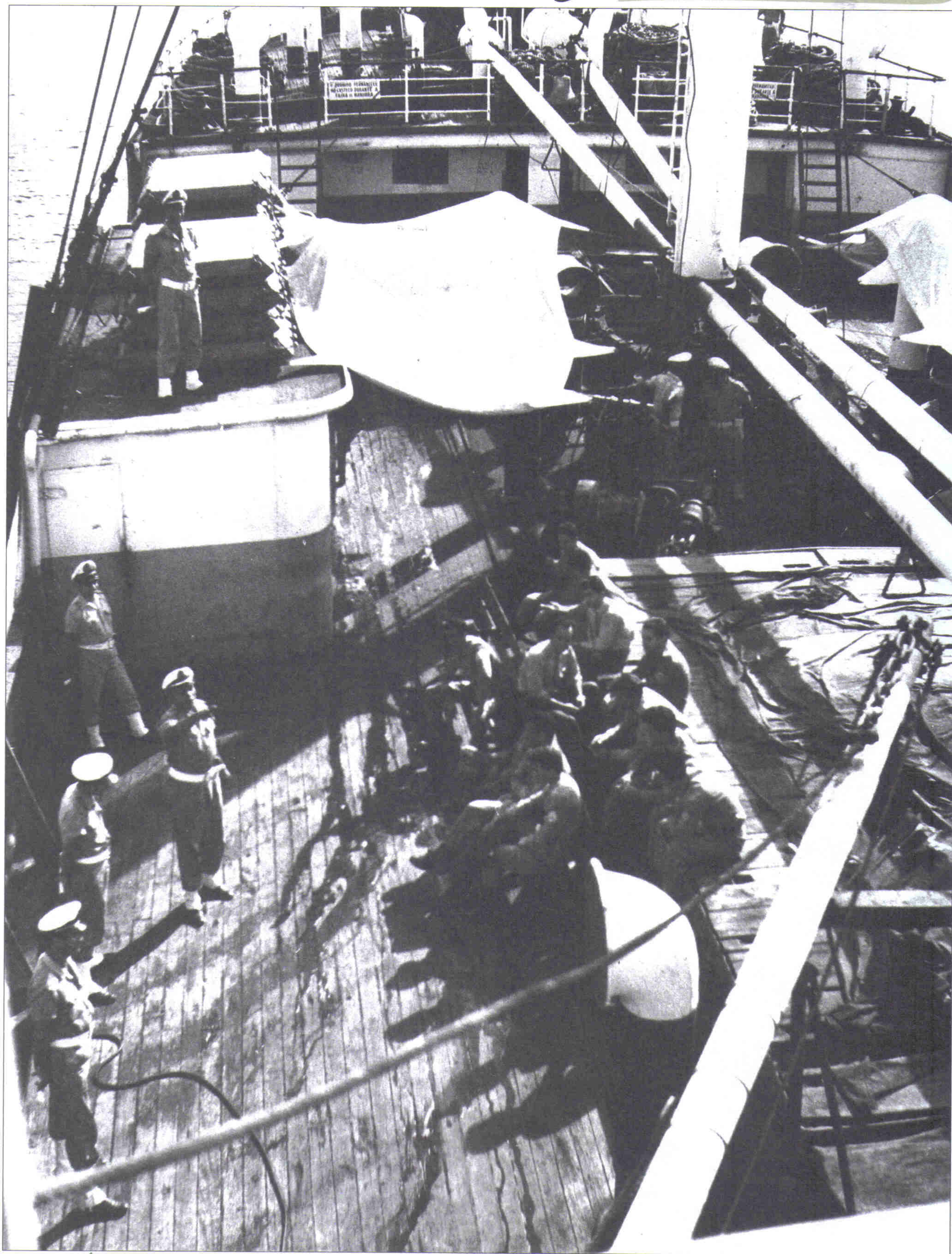
Havia três calabouços na prisão flutuante, batizados com nomes de boates famosas na época. O melhor, para os prisioneiros, era o El Moroco, salão todo metálico, ao lado da caldeira, sem ventilação, onde a temperatura passava dos 50 graus. No Night and Day, uma pequena sala, o preso ficava com água gelada pelos joelhos. No Casablanca se despejavam as fezes dos ocupantes do navio. Eram usados para quebrar a resistência dos presos. A maioria dos sindicalistas e políticos da Baixada Santista passou por esses calabouços.

Desativado no dia 23 de outubro, o *Raul Soares* foi levado de volta ao Rio, na manhã de 2 de novembro de 1964. Virou sucata.



"ESTADO REVOLUCIONA

LUXUOSO TRANSATLANTICO TRANSFORMADO EM NAVIO PRESIDIO



O jornal *Última Hora* (página ao lado) noticia que o transatlântico *Princesa Leopoldina* virou navio-presídio, como já havia acontecido com o navio *Raul Soares* (acima), ancorado ao largo do porto paulista de Santos.

que torto, mas quem mandará de fato será o Comando Supremo da Revolução – a junta militar composta pelos maiorais das três Armas: general Arthur da Costa e Silva, almirante Augusto Rademaker Grünewald e brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo.

Mazzilli segue, no meio da madrugada, para o Palácio da Alvorada, acompanhado por civis e protegido por militares. Sobe ao terceiro andar e senta na cadeira presidencial, cercado de apreensões: o chefe da Casa Civil, Darcy Ribeiro, permanece no quarto andar. Mazzilli só se sente presidente quando, mais de uma hora depois, Darcy se retira.

No livro *Aos Trancos e Barrancos – Como o Brasil Deu no que Deu*, Darcy diz que "se deve a João Guimarães Rosa o melhor retrato" de Mazzilli. Ele é, para o autor de *Grande Sertão: Veredas*, o "presidente-*modess*: no melhor lugar, nos piores dias, para evitar derramamento de sangue".

O POVO SAI DE CENA

MYLTON SEVERIANO

Eu era subeditor de política da *Folha de S. Paulo*, tinha 23 anos. Às 9 da noite de 1º de abril, a telefonista, dona Olga, passou uma ligação. De Marília, a 460 quilômetros. Minha mãe chorava: "Seu pai foi preso. Ninguém sabe o que foi feito dele."

Somente três décadas mais tarde, quando a morte de meu pai se aproximava, ela narrou o que havia acontecido na véspera do dia da mentira de 1964, por volta das 4 da madrugada:

Chegaram três viaturas, uns quinze soldados, todos de baioneta, gritando e querendo arrombar a porta, janelas. Acordamos assustados, eu de camisola. O Bernardo abriu a porta de cueca mesmo, e já foram agarrando. A muito custo deixaram se vestir e já foram invadindo a casa toda. Implorei, "não perturbem meus filhos". Mas não respeitaram. Entraram nos quartos. Todo mundo naquele desespero, e eles falando as piores coisas, "comunista isso, aquilo", "filhos da puta", "vocês têm aí um arsenal", "estão mentindo", "vão pagar caro", palavrões. Levaram duas espingardas de caça e queriam "o arsenal".

O Bernardo em pé na sala, se despedindo, mas não deu tempo de pegar agasalho. Todos eles segurando como se ele fosse um bandido perigoso. E um deles falou "como é, comandante?", ou "coronel", "vamos fuzilar ele aqui mesmo ou deixar pra fuzilar na frente do chefe lá?" "Não, o chefe vai decidir."



A primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em São Paulo. Entre as palavras de ordem, gritavam: "Um, dois, três, Brizola no xadrez. Se sobrar lugar, põe também o João Goulart."





AS MARCHADEIRAS

"Família que reza unida, permanece unida"

Não por acaso escolheram 19 de março para sensibilizar a opinião pública contra a "ameaça comunista": é dia de São José, protetor da família. Naquela quinta-feira paulistana abafada, na praça da República, pelas 2 da tarde, já se formam grupos em volta de senhoras elegantes, rosário e bandeirinha do Brasil nas mãos. Daqui a pouco sairá a primeira das 49 Marchas da Família com Deus pela Liberdade que aconteceram país afora entre 19 de março e 8 de junho de 1964. Depois de 31 de março, passaram a chamar-se Marcha da Vitória.

Aulas de anticomunismo

A idéia de "mostrar que o povo repudia o comunismo e defende a pátria, a família e a propriedade" partiu do deputado federal Cunha Bueno, do Partido Social Democrático. Inspirou-se no padre Peyton, orador que veio dos Estados Unidos acompanhado de um agente da CIA, para rezar missa pela televisão contra as "manobras vermelhas", sob o lema: "Família que reza unida, permanece unida". Cunha Bueno procurou empresários e o vice-governador, Laudo Natel. O governador Adhemar de Barros arrecadou dinheiro para comprar caminhões para a Força Pública e garantir a ordem da Marcha. Natel recomendou uma pessoa respeitada, a freira **Ana de Lourdes, neta de Rui Barbosa**, para arregimentar lideranças femininas.

A manifestação se chamaria Marcha de Desagravo ao Santo Rosário, mas Adhemar sabiamente ponderou que o nome excluía outras religiões, não era hora de "dividir". Para representá-lo, o governador convocou sua mulher, **Leonor Mendes de Barros** – a quem ele se referia, em comícios, como "aquela santa". E o movimento rapidamente conquistou adesões.

Faltavam, contudo, lideranças femininas. Havia a deputada Conceição da Costa Neves, mas era desbocada. Então, entra em cena o Ipes, Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, que, apresentando-se como centro de estudos, vinha coordenando a campanha contra Jango, com dinheiro de grandes empresas nacionais e estrangeiras. O Ipes financiou cursos nos quais mulheres da elite receberam aulas de como pregar a união da família contra o comunismo. Deveriam falar às amigas e aos empregados domésticos.

"Vermelho, só batom"

Preparada pela União Cívica Feminina, Campanha da Mulher pela Democracia, Campanha da Fraterna Amizade Urbana e Rural, entre outras entidades, a Marcha recebeu apoio de empresários. Trinta entidades empresariais assinaram o manifesto de convocação publicado no *O Estado de S. Paulo.*

O publicitário José Carlos Pereira de Sousa criou palavras de ordem, faixas e cartazes: "Vermelho bom, só o batom"; "Um, dois, três, Jango no xadrez"; "Abaixo os imperialistas vermelhos"; "Verde e amarelo, sem foice nem martelo".

Alunos do Instituto Mackenzie formaram uma delegação, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo também. A apresentadora de televisão **Hebe Camargo** estava lá. Às 4 da tarde, partiram. Eram cerca de 300.000 pessoas. Distribuíam bandeirinhas e o Manifesto ao Povo do Brasil. Uma hora depois, chegaram ao palanque na praça da Sé.

Leonor hasteou a bandeira e a banda da Força Pública tocou o Hino Nacional. A Oração pela Salvação da Democracia abriu o evento. Havia vinte inscritos para falar, cinco minutos cada um. Era só pronunciar nomes como Brizola, Fidel ou Jango, que a massa irrompia com as palavras de ordem. Lacerda não discursou.

DEIXARAM PARA ELAS A GLÓRIA: LÁ ESTAVAM HEBE CAMARGO; A NETA DE RUI BARBOSA; A MULHER DE ADHEMAR DE BARROS.

Adhemar sobrevoou a praça de helicóptero. Estrategicamente, deixaram a glória para as mulheres.

Auro Soares de Moura Andrade, presidente do Senado, falou por último. Rádio, televisão e imprensa reproduziram suas palavras exaustivamente:

"Que sejam feitas reformas, mas pela liberdade. Senão, não. Pela Constituição. Senão, não. Pela consciência cristã do nosso povo. Senão, não."

As manchetes do dia seguinte em todo o país se pareciam com a da *Folha de S. Paulo*: "São Paulo parou ontem para defender o regime".

Mais tarde, peguei agasalhos, levei à delegacia. "Seu marido já deve estar afundado naquelas ilhas, ilha das Cobras." Fui visitar a mulher do Honorino, do Zaros, do Jonas, do Zaparoli. Todas tinham passado por isso. E ficamos unidas. Falavam coisas horríveis: "Não tenha esperança, não, seu marido já está morto." A vizinhança também: "Comunista vai morrer mesmo!" Nossos telefones foram censurados. A gente se recolhia, chamo isso de humilhação.

Na redação da *Folha*, pedi ajuda ao colega Antônio Aggio Jr. Era do tipo que você não sabe se é repórter "de" polícia ou "da" polícia. Foi atencioso. Dali a duas semanas, localizou meu pai no Presídio do Hipódromo, na Mooca. Ele estava com 48 anos. Passados uns meses, narraria o terror da viagem. Uma dúzia de homens, alguns acima dos 60 ou mesmo 70 anos, socados no chiqueirinho da viatura. Presos na madrugada, havia gente só de cueca, e fazia frio. Partiram ao amanhecer. Achavam que iam fuzilá-los, ou jogá-los de avião no mar, conforme os policiais da Força Pública disseram ao prendê-los entre palavrões, chutes, coronhadas.

Chegaram a Bauru pelo meio-dia, sob calor abrasador. Haviam urinado, defecado, vomitado. Pelas frestas, perceberam lugares sombreados, mas a viatura estacionou ao sol. Um forno imundo. Os policiais desceram para almoçar num restaurante e ignoraram apelos por água, ao menos.

Ocuparam uma mesa, dava para ouvi-los a rir e conversar. Meu pai implorou em nome dos mais velhos. A resposta foi uma tapona na lataria e impropérios, que ficassem quietos, senão...

Demoraram à vontade no almoço.

PRESOS POR CAUSA DA BOMBA-D'ÁGUA

Procurei duas semanas depois o deputado estadual Fernando Mauro Pires da Rocha, um dos médicos da família, eleito pelo PTB, boa-praça. Ele me enviou ao DOPS com um bilhete para certo delegado, que chamou dois tiras, um nissei e um ruivo de tez avermelhada. Latagões. Humor policial.

Tempo quente. Duas da tarde. O ruivo toma o volante. O nissei me faz entrar com a sacola de agasalhos, frutas, biscoitos, e aboleta-se à janela. Mal partimos, ele vira-se para o motorista:

"Você acha que o pai do rapaz está vivo?"

"Sei lá. Já jogaram um monte de gente no mar lá em Santos."

E riam. Na portaria do presídio, apresentaram-me ao carcereiro e se mandaram. Esperei aquém

A EQUIPE DO PIF-PAF APRESENTA

O JOGO DA DEMOCRACIA

DESENHO DE ZIRALDO

- Neste número do Pif-Paf, o Jôgo da Democracia é apresentado pela primeira vez completamente institucionalizado.
- Êste Jôgo da Democracia é um jôgo eminentemente nacional. Não há Jôgo da Democracia igual a êste em nenhum outro país.
- Qualquer cidadão pode entrar no Jôgo da Democracia. Basta para isso armar o dado que damos acima, depois de colá-lo cuidadosamente em cartolina. Se o interessado no Jôgo da Democracia desejar mais parceiros é só comprar mais exemplares e fazer tantos dados quantos sejam os parceiros. (Em geral as pessoas que entram no Jôgo da Democracia preferem jogar sòzinhas).

Joque hoje! Jogue agora mesmo! O Jôgo da Democracia pode ser proibido a qualquer momento!



(Vide regras do Jôgo da Democracia na pág. 2)

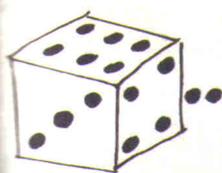


Revista *Pif Paf* cutucou a ditadura com vara curta, morreu

Cinqüenta dias após o golpe, terror instaurado, ironicamente aparece no Rio uma revista humorística. Concebida meses antes, nasceu da seção homônima que Millôr Fernandes manteve por anos na revista *O Cruzeiro*.

Oferecendo *Pif Paf* quinzenalmente "direto do produtor para o consumidor", 40.000 exemplares vendidos na estréia, o sucesso é recebido como primeira reação ao golpe. Humor gráfico embala crítica política e social: provocações à ditadura, aos partidos e aos costumes repressivos, principalmente sexuais.

O tom de zombaria à ditadura aumenta a cada edição. Na quinta edição, o cartunista Claudius conta sua prisão pelos militares. Incomunicável, fica "sozinho







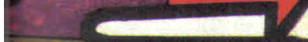
















Pif Paf número 2, versão fac-similar publicada quarenta anos depois da meteórica existência da revista lançada pelo humorista Millôr Fernandes.

numa cela onde já estão oitenta pessoas". Millôr redige tópicos sobre o medo e a coragem: "o cúmulo do sangue frio é, sem dúvida, fazermos reflexões sobre o medo enquanto corremos de pavor".

Claro que *Pif Paf* não inventou a aventura impressa na imprensa brasileira. Suas características principais são as encontráveis na enxurrada de publicações de vida louca que a precederam e sucederam. Millôr veio do gigante Diários Associados, e poucos anos depois, em São Paulo, jornalistas saídos da revista *Realidade*, da Editora Abril, criariam importantes veículos alternativos, como *Bondinho* e *Ex-*.

Outra marca desses "jornalistas e revolucionários" é a reincidência. São censurados, presos, torturados; vão à falência e continuam publicando. O jornalista Bernardo Kucinski contou 150 revistas e jornais surgidos durante a ditadura. Não é reincidência, é teimosia. *Pif Paf* durou pouco. Na oitava edição, a contracapa continha a "advertência":

"Quem avisa, amigo é: se o governo continuar deixando que certos jornalistas falem em eleições; se o governo continuar deixando que determinados jornais façam restrições à sua política financeira; se o governo continuar deixando que alguns políticos teimem em manter suas candidaturas; se o governo continuar deixando que algumas pessoas pensem por sua própria cabeça; e, sobretudo, se o governo continuar deixando que circule esta revista, com toda sua irreverência e crítica, dentro em breve estaremos caindo numa democracia."

Os militares apreenderam a tiragem. A revista acabou.

da enorme grade e, passados dois minutos, lá vinha meu pai. Era de um bom humor invencível. Cumprimentou-me sorridente. Calção azul-marinho e camiseta branca, talvez uniforme militar para exercícios físicos. Contaria que os deixaram em cela coletiva seminus, piso de cimento. Estava com eles Reynaldo Machado, líder do Partido Comunista na Alta Paulista, médico desses que operam pobre sem cobrar. Ensinou como dormir sem pegar pneumonia: sentados em círculo, costas contra costas, para proteger os pulmões.

Prenderam em Marília outros ativistas das causas populares, o ferroviário vereador Honorino Gomes, o bancário sindicalista Jonas Almeida, o dentista Aristides Zaros, o ex-vereador Henrique Zaparolli, o alfaiate e escritor Osório Alves de Castro, autor da obra-prima *Porto Calendário.*

De outras cidades chegavam presos simplórios, que não faziam idéia do que se passava. Um rapaz, parado numa *blitz*, disse que vinha de Brás Cuba (o distrito Brás Cubas, de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo). Mencionou Cuba, os policiais o levaram. Numa zona rural, sitiantes fizeram vaquinha para comprar uma bomba-d'água. Dois foram à cidade, dedos-duros os ouviram falar em "lista para comprar a bomba" e os denunciaram.

Tais casos divertiam os presos. Meu pai ficou preso seis meses. Processado pela Justiça Militar, teve os direitos políticos cassados por dez anos. A família, discriminada e hostilizada em Marília, mudou-se para São Paulo, onde meu pai e meus irmãos montaram uma loja de tintas. Aposentados por volta de 1980, meus pais retiraram-se para Salto Grande, às margens do rio Paranapanema, na fronteira com o norte do Paraná. Ali, Bernardo Severiano da Silva ainda tentou, sem êxito, eleger-se vereador, aos 70 anos. Mudou-se então para a vizinha Ourinhos, onde morreu em 1996, aos 81 anos, lúcido e declarando-se comunista até o fim.

POVO, NÃO: POPULAÇÃO

Na *Folha*, logo na primeira semana após a vitória dos golpistas, passamos a grafar "golpe de 1º de abril". Logo o editor de política, Francisco de Célio César, o França, nos repassou a ordem superior para grafar "Revolução Democrática de 31 de Março", mas podíamos abreviar para "Revolução de 31 de Março".

Com o tempo, outros termos entrariam no índex. Nada de camponês: agricultor. Nada de povo: população. Não havia dúvidas sobre qual era o ator principal que vieram tirar de cena.

Tudo sob controle (dos Estados Unidos)

Os militares brasileiros passaram a pagar pela "ajuda" norte-americana tão logo o golpe se tornou vitorioso. Realizou-se no Rio de Janeiro reunião de chefes militares da Aeronáutica de vários países das Américas. Esqueceram as necessidades de cada força aérea e se concentraram no consenso anticomunista e aplauso a ações do tipo que acabava de acontecer no Brasil.

"Fizeram democracia com as próprias mãos."

STANISLAW PONTE PRETA

Logo as Forças Armadas brasileiras permitiram à Força Aérea dos Estados Unidos realizar levantamento aerofotogramétrico de vastas áreas de nosso território, ato de submissão que afetou gravemente nossa segurança e entregou à potência do norte o conhecimento de nossas riquezas.

Apenas dois meses depois do golpe, a Câmara dos Deputados, já amputada daqueles que poderiam se opor a tais medidas, aprovou dois acordos que se encontravam engavetados. Estabeleciam no Brasil a Missão Militar Norte-Americana e a Missão Naval Norte-Americana. Pelos acordos, o Brasil não poderia contratar técnicos militares de país algum "sem consentimento dos Estados Unidos".

Em suma, nossas Forças Armadas passaram ao controle de uma potência estrangeira.



"A guerra suja (...) foi uma escolha, não uma inevitabilidade histórica."

INTRODUÇÃO DE *OS ANOS DE CHUMBO – A REPRESSÃO*, POR MARIA CELINA D'ARAUJO, GLÁUCIO ARY DILLON SOARES E CELSO CASTRO

O PAPEL DE CADA UM. O embaixador Lincoln Gordon (à dir.) redigiu de próprio punho a mensagem de congratulações para Lyndon Johnson (à dir., em cima) enviar ao "presidente" brasileiro Ranieri Mazzilli. Enquanto Gordon fazia a ponte entre agências financiadoras e governos de Estado hostis a Jango, o adido militar Vernon Walters (acima) falava direto com os militares conspiradores.



Tio Sam não escondeu o alívio com a vitória do golpe: reconheceu o novo governo "na velocidade da luz"; e logo cobraria pela ajuda que prestou aos golpistas.



"O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil."

JURACY MAGALHÃES, TÃO LOGO É NOMEADO EMBAIXADOR EM WASHINGTON PELO GENERAL CASTELO BRANCO



E Jango estava bem no Ibope

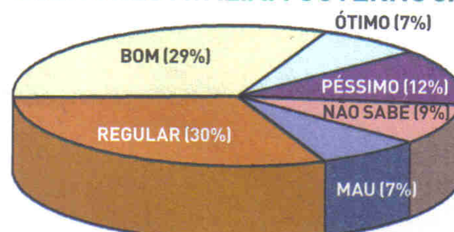
A pedido da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, o Ibope realizou pesquisa, durante os últimos dez dias antes do golpe, na maior cidade do país – aquela que, segundo os golpistas, saiu às ruas em peso para apoiar a deposição de Jango. Os índices colhidos entre 20 e 30 de março de 1964 mostravam, ao contrário, significativo apoio dos paulistanos ao governo.

Mais de 80% dos quinhentos eleitores entrevistados sabia dos decretos de Jango: encampação das refinarias de petróleo; desapropriação de terras às margens de açudes, ferrovias e rodovias federais; e tabelamento dos aluguéis – medidas aprovadas por 64%.

No dia 26 de março, o Ibope conclui outra pesquisa: metade dos eleitores de oito capitais votariam em Jango à reeleição. Não há notícia de que tais pesquisas tenham sido publicadas na época.

PESQUISA IBOPE – 30/3/1964

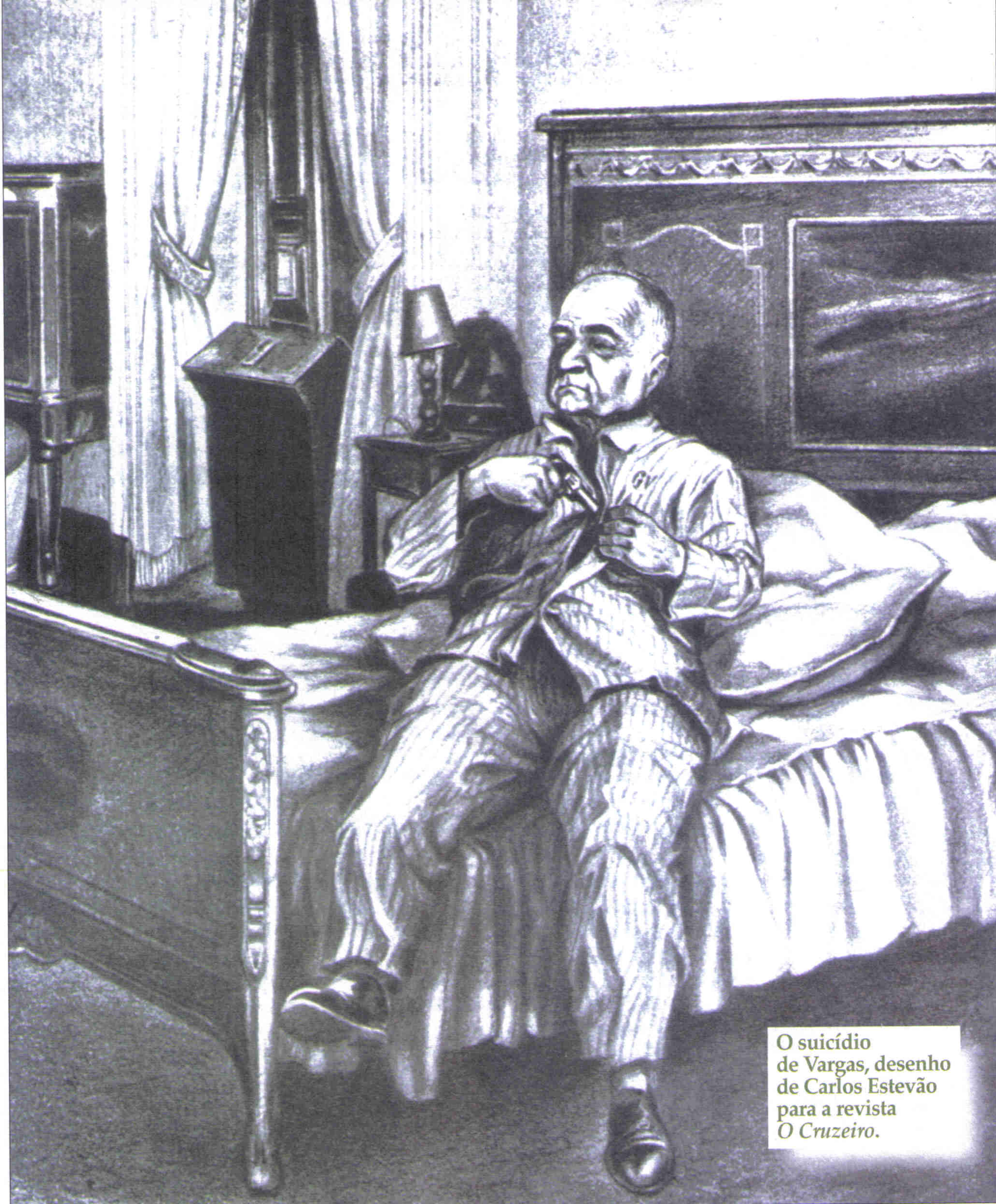
ELEITORES AVALIAM GOVERNO JANGO



Por que Jango caiu

O governo de Jango não cai em razão de seus eventuais defeitos; ele é derrubado por suas qualidades: representa uma ameaça tanto para o domínio norte-americano sobre a América Latina como para o latifúndio.

Darcy Ribeiro, sociólogo, escritor, político, chefe da Casa Civil de Goulart, em *Aos Trancos e Barrancos*



O suicídio de Vargas, desenho de Carlos Estevão para a revista *O Cruzeiro*.

FASCÍCULO NÚMERO 2: *Antecedentes de 1964*

VOCÊ VAI VER:

1954: inimigos levam presidente Vargas ao gesto extremo I O governo Vargas – Nacionalismo, "o petróleo é nosso" e aumento de 100% no salário mínimo irritam a direita I O "manifesto dos coronéis" I Atentado contra Lacerda atinge Vargas I Suicídio adia o golpe por dez anos I A Carta Testamento: "Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte." I JK, Niemeyer, Lúcio Costa, Brasília e o avanço de "50 anos em 5" I Jânio, o brevíssimo, tenta o golpe da renúncia e se estatela I Cadeia da Legalidade: de microfone na mão e metralhadora a tiracolo Brizola garante a posse de Jango na presidência I Os golpistas não descansam nem de dia nem de noite I Como se articularam a direita urbana e a rural, a Igreja Católica conservadora, Tio Sam e as empresas americanas para depor Jango I O papel da imprensa I Por que os militares toparam rasgar a Constituição e fazer o papel de polícia política.

A DITADURA MILITAR NO BRASIL
PLANEJAMENTO:
José Arbex Jr. e Hamilton Octavio de Souza
REDATORES:
Lana Nowikow, Ricardo Vespucci, Renato Pompeu, Andrea Dip, Letícia Nunes de Moraes, Cylene Dworzak Dalbon e Marcos Zibordi
DIREÇÃO GRÁFICA E PROJETO:
Michaella Pivetti
EDIÇÃO DE ARTE:
Monique Elias
ASSISTÊNCIA DE ARTE:
Mariana Nóbrega
FOTOS:
Amancio Chiodi
PESQUISA ICONOGRÁFICA:
Companhia da Memória e Amancio Chiodi
EDITOR:
Mylton Severiano
DIRETOR RESPONSÁVEL: **Sérgio de Souza**

© 2007

Caros Amigos
EDITOR: **Sérgio de Souza**
EDITOR EXECUTIVO: **Mylton Severiano**
EDITORES ESPECIAIS: **José Arbex Jr., Renato Pompeu**
SECRETÁRIO DE REDAÇÃO: **Thiago Domenici**
EDITORA DE ARTE: **Michaella Pivetti**
ASSISTENTE DE ARTE: **Mariana Nóbrega**
PROJETO GRÁFICO: **Michaella Pivetti**
EDITOR DE FOTOGRAFIA: **Walter Firmo**
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: **Vinícius Augusto Souto**
REPÓRTERES: **Andrea Dip, Ana Luiza Moulatlet, Marcos Zibordi, Fernando Evangelista e João de Barros**
TEXTO: **Mauro Feliciano e Lilian do Amaral Vieira**
ESTAGIÁRIOS: **Natália Mendes, Flora Bonatto e Bruno Terribas**
CORRESPONDENTES: **Mariana Camarotti (Buenos Aires), Bosco Martins (Mato Grosso do Sul) e Marcelo Salles (Rio de Janeiro)**
SITE E CORREIO CAROS AMIGOS: **Thiago Domenici e Ecomm**
DIRETOR COMERCIAL: **Wagner Nabuco de Araújo**
DIRETOR DE MARKETING: **André Herrmann**
CIRCULAÇÃO: **Gerente: Cristiano de Carvalho Braga**
ASSISTENTE: **Elisângela Santana e Pedro Nabuco de Araújo**
PUBLICIDADE: EXECUTIVA DE CONTAS: **Elaine Sodré**
ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO: SUPERVISORA: **Ingrid Hentschel**
CONTROLE E PROCESSOS: GERENTE: **Wanderley Alves**
ASSISTENTE: **André Joaquim**
LIVROS CASA AMARELA: **Heitor Paixão e Clarice Alvon**
APOIO: **Simone Alves, Neidivaldo dos Anjos e Levi Joaquim**
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO: **Nicodemus Pessoa e Nasson Nogueira**
ASSESSORIA JURÍDICA: **Marco Túlio Bottino, Aton Fon Filho, Juvelino Strozake e Suzana Paim Figueiredo**
REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE:
BRASÍLIA: **Joaquim Barroncas (61) 9972-0741**

EDITORA CASA AMARELA
REVISTAS | LIVROS | SERVIÇOS EDITORIAIS
DIRETORIA: SÉRGIO DE SOUZA, WAGNER NABUCO DE ARAÚJO
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA FIDALGA, 162, CEP 05432-000, SÃO PAULO, SP, TELEFONE 3819-0130
REDACAO@CAROSAMIGOS.COM.BR

FONTES CONSULTADAS:

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru: EDUSC, 2005.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Caminhos Cruzados. Imprensa e Estado Autoritário no Brasil (1964-80)*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BANDEIRA, Moniz. *O Governo João Goulart e as Lutas Sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis, Vozes, 2006.

PARRON, Milton. *A Revolução de Março de 64*. Série de programas na Rádio USP, São Paulo, março de 1999.

PONTE PRETA, Stanislaw (Sérgio Porto). *Febeapá 1, 2 e 3*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *Aos Trancos e Barrancos – Como o Brasil Deu no que Deu*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SILVA, Hélio. *1964: Golpe ou Contragolpe?*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O Governo Goulart e Golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PERIÓDICOS:

Caros Amigos Especial – O Golpe de 64, março de 2004; Jornal da Unicamp – número 204 – 24/2 a 9/3 2003; coleções dos jornais Última Hora, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil; revistas O Cruzeiro e Pif Paf (reedições do 40º aniversário).

ENTREVISTAS:

Max Moura e Salim Miguel: concedidas a Mylton Severiano; Lélia Abramo, Leonardo de Azeredo Carneiro, Maria Augusta Capistrano, Tom Zé e Rita Sipahy: a Iolanda Huzak; Wesley Duke Lee, Bernardo Severiano da Silva e Julieta Mazzola da Silva: a Iolanda Huzak e Mylton Severiano; Délio Cezar: a Elvira Alegre, Jota e Mylton Severiano; Lúcio Flávio Pinto e Mário Drumond: a Lana Nowikow, por escrito.

coleções Caros Amigos

plano da obra

1
A NOITE DO GOLPE

2
ANTECEDENTES: O SUICÍDIO DE VARGAS

3
GOVERNO JANGO (1961-1964)

4
GOVERNO CASTELO BRANCO (1964-1967)

5
GOVERNO COSTA E SILVA (1967-1969)

6
GOVERNO MÉDICI (1969-1974): O MILAGRE

7
GOVERNO MÉDICI: A TORTURA

8
GOVERNO MÉDICI: TERROR TOTAL

9
GOVERNO GEISEL (1974-1978): FIM DO MILAGRE

10
GOVERNO GEISEL: EXTINTA A LUTA ARMADA

11
GOVERNO GEISEL: A ABERTURA

12
GOVERNO FIGUEIREDO (1979-1985): FIM DA DITADURA

12
FASCÍCULOS QUINZENAIS EM QUATRO CORES

32
PÁGINAS POR FASCÍCULO (**384** PÁGINAS NO TOTAL)

JUNTO COM O NÚMERO
6
CAPA DURA, GRÁTIS, PARA ENCADERNAR A COLEÇÃO

a ditadura militar no Brasil

caros amigos editora